

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1940

N.º 4

O ESPIRITISMO A TRATOS...

pelo Coronel Faure da Rosa

I

De vez em quando, a imprensa político-religiosa, — representada por *A Voz da Verdade*, *A Voz*, de Lisboa, e *Novidades* — contende com o Espiritismo e acusa os seus adeptos de pertencerem a sectarismos execrados.

Novidades de 30 de Janeiro último, em artigo de fundo lá arranja maneira de encaixar o Espiritismo nos agrupamentos maçons-comunistas; é verdade que lhe dá por companhia *A Seara Nova*, *O Diabo* e — o que é muito curioso — põe-lhe a *latere* as riquezas actividades glutónicas do «clubismo social-gastro-nómico dos rotários».

Novidades não ataca pontos da doutrina espírita, nem a sua fenomenologia; não discute ideias nem factos: agride apenas, com aquela conhecida intolerância, apanágio do fanatismo.

Já o mesmo não acontece ao anti-religioso *Diabo* que, no seu número de 3 de Fevereiro, na «Correspondência dos leitores», a páginas 6, deturpa pontos doutrinares do Espiritismo e faz afirmações menos exactas na resposta que dá ao consulente J. P. A. F., *Luz de Tavira*.

«...o hipnotismo pela sua aparência misteriosa, excitava a imaginação, procurando dar

as mais disparatadas explicações com as mais disparatadas e obscurantistas consequências: presença do demónio, espiritismo, ocultismo, etc. Pode dizer-se que o hipnotismo entrou na fase de investigação verdadeiramente científica, no momento em que se abandonam as doutrinas fluidicas (doutrinas que para explicar o hipnotismo admitiam a presença de um fluido) e se procurou a explicação do fenómeno na psicologia ou na fisiologia, relacionando-o com a sugestão ou com alterações fisiológicas».

Ora o hipnotismo, antes de a ciência o admitir, chamou-se magnetismo animal ou mesmerismo: com este nome foi repudiado, escarnecido, vilipendiado, e os seus partidários eram tidos e apontados como charlatães.

«Cem anos foram precisos para fazer aceitar os factos do magnetismo animal, se bem que tais factos sejam muito mais fáceis de obter e de estudar que os do mediunismo... A ciência teve que acolhê-lo e acabou por adoptar esse filho bem legítimo, baptizando-o com o nome de *hipnotismo*» ⁽¹⁾.

As doutrinas fluidicas explicativas do sono hipnó-

⁽¹⁾ A. Aksakof — *Animisme et Spiritisme*, pág. XXVI.

tico não foram abandonadas. A controvérsia ainda durava em 1937.

O Secretário Geral da Sociedade de Estudos Psíquicos, de Bordéus — George Clauzure ⁽¹⁾ — aludia aos trabalhos do Dr. Max que se especializara no registo das correntes eléctricas emitidas pelo cérebro do homem adormecido, quando sonha.

«Parece que o «fluido dos magnetizadores» — escreve Clauzure — pode produzir, às vezes, uma carga ou descarga electrónica e provocar a ionização do ar na vizinhança de um condensador. Que este «fluido» possa ser estudado nesta ou naquela parte da física conhecida ou desconhecida; que este «fluido» seja de natureza eléctrica, magnética ou qualquer outra, pouco importa nesta discussão».

O que interessa, sobretudo, é registar o fenómeno. E o certo é que as coisas se passam como se o «fluido» existisse: deslocação de objectos sem contacto, mumificações, esterilizações, curas físicas e psíquicas...

O Dr. H. Baraduc conseguiu fotografar os fluidos que envolvem o corpo humano ⁽²⁾.

Charles Richet, ainda que não concorde com as ideias de Reichenbach sobre o *od* (do sânscrito significando «que penetra tudo» — fluido magnético do homem), as de Baraduc sobre os eflúvios, as de Charazain sobre a polaridade humana, entende que seria imprudente repelir *a priori* a hipótese dum fluido magnético ⁽³⁾.

As modificações fisiológicas produzidas nos organismos vivos, animais e vegetais, por meio de passes do magnetizador ou pela aposição das mãos, tem um valor probatório importante e «não hesitamos em dizer que tais modificações criam uma presunção a favor da existência dum fluido animal a que alguns pretendem chamar raio V» ⁽⁴⁾.

Numerosas experiências têm sido feitas, desde 1927. O Dr. Bertholet obteve a fotografia das mãos da magnetizadora Issaëff ⁽⁵⁾. Nessa fotografia vêem-se não só vagas auréolas envolvendo a imagem das extremidades digitais, mas ainda um sistema completo figurado de linhas de força emanadas de um ou de muitos centros e irradiando dos dedos como que uma cabeceira luminosa. E, apesar de todas as críticas, o valor documental dos clichés não pode ser negado — acrescenta o Dr. Bérard.

Até os padres católicos, nada atraindo a coisas espíritas — como é sabido — admitem a existência dum fluido: «Por ocasião da recente conferência (1937) feita em Milão, pelo Reverendo Padre Rafael Berri, o conferencista afirmou a existência duma energia fluidica capaz de originar «estranhas manifestações» e de explicar, «segundo as leis naturais», todos os fenómenos hipnóticos e a maior parte dos fenómenos das sessões espíritas» ⁽⁶⁾.

A «energia fluidica» a que se refere o Padre Berri, capaz de originar e explicar fenómenos espíritas, é o fluido espiritual ou psíquico, cuja objectivação se faz através do corpo etéreo ou astral (*perispírito* dos espíritistas, *linga-sharira* dos teósofos, *sarcosoma* de Lancelin).

Ponde de parte as experiências do Coronel de Rochas e de outros experimentadores, já antigas, outras experiências mais recentes, organizadas no laboratório do «Instituto de Investigações Psíquicas», de Nevada (Estados Unidos da América do Norte), provam a existência do corpo etéreo. Tais experiências, devidas ao Dr. Watter, foram sugeridas pela teoria «intra-atômica» da professora Sr.^a Gaskell, segundo a qual os átomos físicos constitutivos do organismo de qualquer criatura viva são interpenetrados por um «elemento vital», uma «certa vida», aos quais se deve a organização dos seres vivos. Esta nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas, e, por consequência, não poderia formar combinações químicas, mas manter-se-ia intra e infra-atômica, e, à hora da morte, desprender-se-ia do sistema atômico que tinha organizado e vitalizado ⁽⁷⁾.

A professora Sr.^a Gaskell, no seu livro *What is Life?*, convidava os seus colegas de física e química a fazerem experiências de modo que, por ocasião da morte, pudessem aplicar métodos capazes de medir, registar e assinalar a «quantidade de vida» que, teoricamente, poderá escapar-se dum organismo vivo (isto é, dum sistema atômico) durante a crise da morte. O Dr. Water organizou as suas experiências pessoais, partindo do princípio de que se um «elemento vital» existe realmente, deve ser possível obter provas fotográficas da sua presença por meio de disposições especiais, em um laboratório, para a experimentação. Graças aos aparelhos criados, os experimentadores conseguiram obter fotografias de formas fantasmáticas, bem definidas, determinadas por *qualquer coisa* que se separa do corpo no momento da morte. Pois essas formas reproduziram exactamente o

⁽¹⁾ *Revue Spirite* de Março de 1937 — *A propos du «Fluide Magnétique»*.

⁽²⁾ Hippolyte Baraduc — *La Force curatrice à Lourdes et la Psychologie du Miracle*.

⁽³⁾ Charles Richet — *Traité de Metapsychique*, pág. 120.

⁽⁴⁾ Dr. Octave Bérard — *Magnetisme et Spiritisme*, pág. 34.

⁽⁵⁾ Dr. Octave Bérard — *Magnetisme et Spiritisme*, pág. 33 e 38.

⁽⁶⁾ *Ali del Pensiero*, pág. 119.

⁽⁷⁾ Ernesto Bozzano — *Les Phénomènes de Bilocation*, pág. 167.

corpo físico do qual emanaram. As experiências foram feitas em pequenos animais, como grilos, ratos, rãs.

O Dr. Watter conseguiu, assim, demonstrar que, durante a crise da morte, um «corpo espiritual» se desprende do corpo físico, inferindo, logicamente, que aquilo que se dá com animais inferiores, deve dar-se, também, com as formas superiores da vida, inclusive a espécie humana — o que parece incontestável, declara Bozzano.

Dos doze livros que *O Diabo* indica para instrução materialista do seu consulente, há um que merece especial relevo pela originalidade de que dá conta: «*L'Hypnotisme et la Suggestion*», do Dr. Grasset. Possui a 13.^a edição de 1909.

Para o Dr. Grasset, o homem psíquico total é um polígono e o centro psíquico superior, ou a consciência normal, está no centro O do dito polígono ⁽¹⁾. Em duas das faces simétricas do polígono — que é um quadrilátero — estabelece seis centros, três para cada lado: auditivo, visual, táctil, «cinético» (movimentos gerais), verbal e gráfico. Encontram-se ainda no mesmo polígono: as vias centrípetas da audição, da visão e da sensibilidade; as vias centrífugas da escrita, da palavra, dos movimentos... e onze vias intra-poligonais.

Se nós dissermos que a força psíquica é um fluido, é poesia; mas compará-la a um polígono com diagonais e projecções... é sabedoria! Grande coisa é ser sábio!

Grasset, como Le Dantec, deixou-se seduzir pela matemática; como se as demonstrações matemáticas não se baseassem em puras abstracções, não dependessem de postulados criados pelo Homem!

A história do hipnotismo é muito singular, — escreve Charles Richet ⁽²⁾. «Durante muito tempo — de 1790 a 1875 — o sonambulismo e o magnetismo animal passavam por ciências ocultas e quasi que era interdito aos sábios não só acreditarem em tais coisas, mas também occuparem-se delas. Era um domínio maldito, uma terra infame».

Em 1875, Richet, ainda estudante, demonstrou que o hipnotismo não era um acto de ilusionismo, mas um facto tão natural e experimentalmente tão demonstrável, como o tétano provocado pela estricnina e o sono pelo ópio.

Actualmente o terreno maldito é o dos fantasmas; dizer que se acredita na existência deles... isso faz rir certos sábios e a grande maioria dos... ignorantes.

A escola da Salpêtrière, com Charcot à frente, afirmava que a hipnose é um estado mórbido que só pode ser provocado nos histéricos ⁽³⁾.

Se assim fôsse — comenta M. Sage — haveria,

pelo menos, uma população de 90 % de histéricos entre os humanos: em 10.000 indivíduos, Bernheim hipnotizou 90 %; Wetterstand apenas teve 105 casos negativos em 6.500 indivíduos; Schrenk-Notzing em 8.705 casos tratados por quinze observadores, apresenta 6 %, somente, de mau êxito.

A escola da Salpêtrière também afirmava que as crianças e os velhos não eram sensíveis ao hipnotismo. Demonstrou-se: que todas as crianças, entre os 3 e 15 anos, podem ser influenciadas; que nos adolescentes, e nos velhos a partir dos 63 anos, o insucesso fôra, apenas, de 10 e 13 %, respectivamente.

Veio depois a escola de Nancy que atribuía todos os casos hipnóticos à sugestão, sem excepção: «todos os fenómenos do hipnotismo, sem excepção, podem aplicar-se pela sugestão, unicamente», — dizia a escola de Nancy num dos seus corolários.

Mas, sabido como é, depois das célebres experiências do Havre — em que tomaram parte Frederic Myers, A. T. Myers, Ochorowicz, Pierre Janet, Gilbert, Paul Janet e Jules Janet ⁽⁴⁾ — que os magnetizadores podem fazer dormir certos «sujets» a qualquer distância que estejam, sem que eles o saibam, como explicar, neste caso, a hipnose pela sugestão?

¿Onde está a sugestão quando o adormecimento de animais é provocado por passes ou, simplesmente, pelo olhar do magnetizador?

¿Onde está a sugestão quando o magnetizador adormece crianças de tenra idade?

E não só animais e crianças adormecem sob o fluido emanado do magnetizador, como até são curados de doenças, por meio de passes, precisamente como acontece com os homens.

Axel Munthe, médico distinto, conta como com a simples aposição das mãos conseguiu sossegar a leãoa Leônia, da *Menagerie Pezon*, e, a seguir, lhe abriu um abcesso em uma das garras, donde extraiu uma lasquita de madeira. ¿Onde está a sugestão?

«O facto apenas pode explicar-se como um caso de anestesia local sob a influência duma ligeira hipnose» — escreve Axel Munthe ⁽⁵⁾. Era uma especialidade de Munthe, por ele mesmo reconhecida, pôr em estado de letargo serpentes, lagartos, tartarugas, papa-

⁽¹⁾ Dr. Grasset — *L'Hypnotisme et la Suggestion*, pág. 1 e 8.

⁽²⁾ Charles Richet — *Traité de Metapsychique*, pág. 117.

⁽³⁾ Michel Sage — *Le Sommeil naturel et l'hypnose*, pág. 66.

⁽⁴⁾ *Bulletin de la Société de psychologie e physiologie*, tomo I, pág. 24.

⁽⁵⁾ Axel Munthe — *O Livro de San Michel*, pág. 225.

gaos, corujas, ursos e grandes felinos. Também aqui não cabe a sugestão da escola de Nancy.

«...Mais surpreendente é ainda o efeito benéfico deste método (a anestesia hipnótica) na mais dolorosa de todas as operações, que, regra geral, deve suportar-se sem anestesia: a morte.

«O que me foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra, é suficiente para dar graças a Deus por me haver pôsto nas mãos tão poderosa arma. No outono de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos, cobertos com capotes ensangüentados, agrupados no pavimento da igreja duma aldeia de França. Não havia nem morfina, nem clorofórmio, nem anestésico de nenhuma classe para aliviar os seus tormentos e abreviar a sua agonia. Muitos morriam sob o meu olhar, insensíveis e alheios, às vezes, com o sorriso nos lábios, a minha mão na sua fronte e nos ouvidos o som das minhas palavras de esperança e de consólo... A pouco e pouco, dos seus olhos semi-cerrados ia desaparecendo o terror da morte.

«¿Que misteriosa força era aquela que quasi parecia emanar da minha mão? ¿Donde vinha? ¿Procedia da corrente de consciência que circulava em mim, sob a minha vida exterior, ou consistia, no fundo, no fluido magnético dos antigos mesméricos? Naturalmente a ciência moderna prescindiu dos fluidos magnéticos, substituindo-os por uma dezena de novas teorias mais ou menos ingênuas. Conheço-as todas; e, até hoje, não me satisfaz nenhuma... A palavra «sugestão» tal como foi usada pelos seus principais promotores, isto é, pela escola de Nancy, só no nome se diferencia daquela força odílica de Mesmer, posta actualmente em ridículo» (1).

II

«Assim como é radicalmente impossível, contra o que pretendem os espiritas e outros amantes do misterioso, que um indivíduo possa, pela sugestão hipnótica, falar linguas que não conhece ou que nunca ouviu...

O hipnotismo é o campo social para os milagreiros e espiritas a todo o transe, que vêm nesse fenómeno mais do que um facto, um corpo de doutrina religiosa... Assim, não é exacto: que haja sugestão por telepatia, que um hipnotizado veja através de corpos opacos...»

De «O Diabo» de 3-II-1940, pág. 6

O articulista que responde ao consulente de O Diabo, ali designado, confunde, lamentavelmente, fenómenos da mediunidade poliglota (xenoglóssia) com

fenómenos de ordem sonambúlico-hipnótica (glossolalia). Os primeiros — de xenoglóssia — são produzidos por médiuns que falam ou escrevem em linguas que elles ignoram totalmente e, às vezes, são ignoradas de todos os presentes; os outros — de glossolalia, que nada têm de comum com os primeiros — são aqueles em que os pacientes sonambúlicos falam ou escrevem em pseudo-linguas inexistentes, elaboradas nos recessos de suas subconsciências (2).

De resto, a confusão já vinha de trás; porque o articulista não distingue o sono hipnótico do sono mediúnico. O sono hipnótico pode ser, simultaneamente, mediúnico, mas o sono mediúnico pode não ser hipnótico, como acontece na maioria dos casos.

Bozzano, no seu citado livro, narra trinta e cinco casos averiguados de xenoglóssia; o mais recente, porém, e, talvez, o mais perturbante, é o de Rosemary: uma jovem inglesa de cerca de 30 anos, que, periodicamente, cai em transe, durante o qual fala em lingua egípcia, tal qual se falava e pronunciava — afirmam os egptólogos — na XVIII dinastia, isto é, há 3.300 anos.

Não é exacto que o Espiritismo seja «um corpo de doutrina religiosa»: já Allan Kardec dizia que o Espiritismo ou seria científico ou não teria razão de ser. O Espiritismo moderno, ou neo-espiritualismo, é todo experimental: provoca factos, controla-os, estudá-os, dissecá-os e, só depois de averiguados, tira conclusões.

O Espiritismo nunca afirmou que há sugestão por telepatia: o que afirma é que um magnetizador pode fazer adormecer certos sensitivos, a distância, como atrás expus. Não há pois sugestão por telepatia, como não há telepatia por sugestão.

O médium, em transe, hipnotizado ou não, se tiver a faculdade de vidência, pode vêr através de corpos opacos — Pascal Forthuny, por exemplo — como pode vêr o que se passa a distância, quer de acção passada ou presente, quer futura.

Os sábios materialistas adquiriram o hábito de olhar para tudo pelo lado exterior, jactando-se de só terem confiança na experiência, cujos elementos lhes são fornecidos pelos sentidos físicos. Mas, além destes sentidos físicos, existe um senso íntimo, um olhar interior que nos dá algumas noções de nós mesmos, do nosso «eu».

¿Por que razão os sábios materialistas têm tanta confiança nos sentidos físicos e nenhuma no senso íntimo?

(1) Axel Munthe — Obra citada, pág. 224.

(2) Ernesto Bozzano — Xenoglóssia, pág. 5.

O materialismo considera a matéria como única realidade. Mas, ¿que é a matéria?

Até hoje, ninguém o disse e julga-se impossível sabê-lo.

Noções, concepções... tudo se modifica, se transforma. As verdades de ontem são hoje desprezadas.

O Dr. Eugène Osty, ao tratar do movimento do pensamento moderno, da grande modificação das concepções da vida no mundo científico, escreveu ⁽¹⁾:

O materialismo monista de Haeckel e o materialismo mecanicista à Le Dantec, cada vez perdeu mais partidários... Ainda há pouco tempo o sábio que sustentasse que a Natureza tinha finalidades e que, conscientemente, empregava os melhores meios para as atingir, ter-se-ia desprestigiado. Hoje sucedem-se as publicações que testemunham uma marcha inquietá para o *finalismo*, de mais em mais afirmada, isto é, para a noção de inteligência e de vontade por trás das grandes manifestações da vida... Eis que, um biólogo de alto valor, L. Cuénot, professor da Universidade de Nancy, a propósito do fenómeno da *adaptação*, acaba de pôr o problema espiritualista e mecanicista da vida em plena biologia... Eis que um dos mais reputados biólogos modernos, G. Fano, professor da Universidade de Roma, não receia fazer profissão de fé finalista a propósito das funções do coração e do cérebro... Eis que um histologista — René Collin — professor da Faculdade de Medicina de Nancy, mostra que a Natureza emprega o que é mais apto para a consecução do fim, a conservação dos organismos e das espécies, e consegue-o. «A fobia do finalismo — diz ele — é muitas vezes geradora da timidez intelectual e, por consequência, nefasta aos grandes surtos científicos...» Eis que a Embriologia, ciência da criação das formas vivas, está em via de tornar finalista os biólogos. Muitos dentre eles, já, sob a influência de novas verificações, perderam a crença de que o «meio» é a causa primordial da aparição das espécies e da sua evolução... E eis que a inquirição feita por E. Robert de Flers entre os membros da Academia das Ciências de Paris, acerca deste assunto: «¿A Ciência está em oposição ao sentimento religioso?» — acaba de revelar, contra o que se esperava, que a maior parte dos sábios que constituem esta assembleia já não pode aceitar a idéa de que o Universo, grandiosamente coordenado e harmoniosamente evolutivo, seja obra duma série ininterrupta de acasos sempre felizes!.

A função do pensamento deixou de ser uma análise introspectiva; integraram-na em o funcionamento do cérebro, primeiro, depois em todo o corpo, — diz ainda o Dr. Osty.

O próprio materialismo moderno ou dialéctico, está de acôrdo com esta reflexão de matepsiquista Dr. Osty: «Não se pensa com o cérebro, ou, pelo menos, só com o cérebro: pensa-se com todo o corpo, tódá a actividade, e, até, tódá a actividade social»; — afirma isto Marcel Prenant, professor da Sorbonne ⁽²⁾.

Declara este materialista «moderno» que os antigos materialistas «vulgares», tais como Vogt, Büchner ou Moleschott, cometeram o erro simplista de estarem dispostos a admitir que o cérebro segrega o pensamento como o figado segrega a bilis.

O materialismo «moderno» — ¡como tudo se transforma! — rejeita as explicações químicas, físicas e mecânicas dadas aos fenómenos da vida por homens como Jacques Loeb, Haeckel, Le Dantec, Houssay, Giard, Delage.

O materialismo «moderno» — ¡como as concepções se transformam! — repete a teoria do acaso: tudo tem causa, donde o implícito reconhecimento da Lei da Causalidade.

O materialismo «moderno» — ¡o que é a evolução! — reconhece a existência de leis naturais, embora se contente em verificar o facto sem se importar da procedência.

Os materialista, portanto, para serem coerentes — tanto os «modernos» como os «vulgares» — deviam satisfazer-se com a certificação dos factos espiritoides, de todos os factos supranormais, embora se desinteressassem, também, da procedência.

¡Mas não; rejeitam *a priori* e recusam-se até a vêr e a ouvir!

Daí os apôdos de uns, as negativas contumazes de outros e, até, doestos de alguns.

Como, porém, o materialismo «moderno» nos traz uma bela amostra de transformação, esperemos que a evolução continue e faça o resto.

⁽¹⁾ *Revue Metapsychique* de 1926, pág. 385.

⁽²⁾ Marcel Prenant — *Biologie et Marxisme*.

Manifestação quer dizer acção. Para se chegar ao equilíbrio perfeito — que, para mim, é vida pura, ser puro — ninguém pode retirar-se do mundo da manifestação.

Krihnamurti

Nos sacerdotes, como no povo, a ignorância é muito mais de recear do que as luzes.

Massillon

A LUTA DO ASTRAL CONTRA AS FALSAS NOTÍCIAS

(Tradução de I. D. S.)

pelo Doutor Lucien-Graux

O Doutor Lucien-Graux, cujos trabalhos literários e científicos se contam às dezenas, quis distinguir-nos com a sua colaboração, que tanto realce vem dar às colunas de Estudos Psíquicos. Médico exímio, romancista, poeta, economista, converteu-se, finalmente, ao Espiritismo, a cuja propaganda se tem dedicado abertamente, desprezando os preconceitos, como homem de ciência que é, e seguindo na vanguarda dos paladinos da Terceira Revelação. O seu talento pro-teiforme estuda e analisa os mais variados assuntos e, desde o romance de ficção ao tratado científico, dá bem a medida do seu mérito invulgar.

Algumas das suas obras foram premiadas pela Academia Francesa e pela Academia de Ciências Morais e Políticas. Estão neste caso «*Les Fausses Nouvelles de la Grande Guerre*», em sete volumes, e «*Le Maroc Économique*».

Trata-se, em suma, dum extraordinário polígrafo, verdadeiro iluminado que escreve com espontaneidade assombrosa e cujos conceitos são normas de bom senso que muitos deviam meditar e seguir.

É também excelente poeta, cujo último trabalho: «*Demain il fera jour...*» é analisado noutra lugar desta revista.

Estudos Psíquicos, que tem um programa e deseja realizar uma obra, desvanece-se com a colaboração de tão sábio confrade, que quis emprestar a estas colunas o fulgor do seu engenho.

O artigo que a seguir publicamos substitue «*Vers la Victoire de l'Esprit*» (Pela Vitória do Espírito), anunciado no último número e que será publicado em melhor oportunidade.



DOUTOR LUCIEN-GRAUX

Preguntais-me se, após os primeiros dias de Setembro, tenho recebido muitas e interessantes comunicações do Além. De-certo que não. Esperava-as, mas poucas vieram. E é tal a penúria de esclarecimentos, que, há pouco ainda, resolvi pedir informações aos meus Guias familiares, pois havia, desta vez, por assim dizer, grande diferença de «relações» entre os que vêem e sabem e os que consultam e esperam.

A resposta foi clara e o argumento merece tornar-

-se conhecido. Agradeço-vos, portanto, o ensejo de a publicar. Eis o que, resumidamente, me disseram:

«Se fôssemos qualificados para te falar... acêrca dos acontecimentos, bem sabes que o fariamos com particular interesse, visto não esquecermos que és o autor do «*Reencarnado*» ⁽¹⁾ livro que levou tantas

⁽¹⁾ *Reencarnado*, tradução de Guillon Ribeiro — Livraria da Federação Espirita Brasileira. Rio de Janeiro. 1925.

peçoas a crêr na vida futura e sobretudo aquelas que duvidavam dela ou não se decidiam a admitir a certeza da sua existência. Muitos dos recenhegados ao nosso plano declararam-nos, abertamente: «Não me admirei de coisa alguma, nesta nova condição de vida. Nenhuma surpresa, nenhum temor. Depois de ler o «Reencarnado», abandonei o cepticismo e fiquei preparado para a grande viagem. Confesso que foi cheio de incredulidade que inicie a leitura das primeiras páginas; mas, quando cheguei à última, estava convencido». Emfim, auxiliaste muitos a morrer tranquilamente».

Tomei nota destas palavras, cuja autenticidade certifico, e devo dizer que fiquei profundamente emocionado e encantado de as receber. Todavia, insisti com os meus interlocutores invisíveis e perguntei-lhes a razão do quási silêncio do Astral, neste momento e em face do... que vai pelo mundo.

Foi tão clara a explicação, que a posso qualificar de... meridiana:

«É muito simples. Bem sabes o que foi a hecatombe de 1914-1918. Nós, os «veteranos do Além», recebíamos milhares e milhares de almas de adolescentes, trazidas, em desatino, pelo furação. E logo que retomavam consciência de si próprias, esforçavam-se por restabelecer o contacto com a terra, com suas famílias, seus lares, seus amigos, não sendo de admirar que os centros espíritas fôssem invadidos por comunicações. Para fazer uma ideia do que, então, sucedia, basta lembrar como o público das vossas cidades assaltava correios e telefones, quando alguma infelicidade ou trágico acontecimento abalava os corações. Tomando a liberdade de prolongar a imagem, direi que as comunicações — é, de resto, palavra usual nas repartições dos correios — foram tais e tão abundantes, naquela época, porque havia «qualquer coisa» a dizer, a comentar, e muitas consolações a prodigalizar aos que viviam e choravam os seus mortos. Agora, os factos são, inteiramente, diferentes. Felizmente, e até à data em que te falo, a guerra, guardadas as proporções, tem sido pouco sangrenta e não tenho necessidade de insistir para te fazer acreditar que os nossos amigos recenhegados são, relativamente, poucos, e que os pedidos de «comunicações» são, conseqüentemente, muito raras».

A isto, objectei: «Contudo, recebem-se mensagens bem interessantes, que as revistas espíritas inserem, em França e noutros países. Eu próprio, tenho ido, por vezes, a certos meios experimentais de toda a confiança e ali ouvido alguns médiuns transmitir, por diversos meios, indicações do Além, cuja maior parte são verdadeiras, embora tratando os assuntos na generalidade, tendo-me sido impossível recolher uma comunica-

ção nitidamente explicita, acêrca da duração da guerra e da sorte das armas de qualquer dos adversários...».

Nesta altura, o espírito interrompeu a comunicação, para ditar, precipitadamente, ao médium, o seguinte trecho, escrito da direita para a esquerda, próprio para ser lido ao espelho:

«Querer saber muito e depressa, é imprudente. Alguns espíritas têm a mania da curiosidade e tanto importunam os visitantes do Alto, que estes acabam por se aborrecer. Na outra guerra, quantas mensagens, que pareciam verdadeiras, não foram desnaturadas e mal compreendidas, tendo, até, originado graves dissabores! Desta vez — e uma vez não são vezes — tirámos o exemplo das vossas instituições terrestres e resolvemos organizar uma censura às comunicações e não fizemos mal. Se receberdes alguma que se espraie em pormenores acêrca do futuro, que mencione datas, nomes de terras; se houver espíritos frívolos e presunçosos que anunciem: «A guerra acabará em tal momento, combater-se-á aqui e além», desconfiai e não deis crédito a semelhantes indiscrições, que assumirão o carácter de mentira. A vossa censura pode contrariar muita gente; mas, assim mesmo, acreditai que sempre terá alguma utilidade. Aqui, segue tudo da mesma forma. A guerra actual em nada se parece com a de há vinte e cinco anos e as comunicações que vos damos não têm, nem pretendem ter qualquer relação com as opiniões imprudentes e tantas vezes desastradas que vos foram transmitidas, nesses tempos longínquos».

Esta revelação não deixava de ser espirituosa e veio preencher uma lacuna que me serve aqui às maravilhas.

No fim da sessão, perguntei se, do mesmo modo, me não poderiam esclarecer, a respeito do curso eventual dos acontecimentos. Confesso que me responderam com recusa formal. A censura celeste era inexorável. Pois, não é curiosa esta sabedoria organizada, este espírito de previdência que, em 1939-40, se tem manifestado no Além, em tudo que se relaciona com os fins aventureiros, com as falsas notícias do Astral? Assim, julguei que haveria nisto matéria para um artigo que servisse de utilidade à família espírita. Do que fica exposto, parece que se deduz não devermos acreditar em tudo o que nos dizem do outro mundo, sob aparências de realidade. De resto, não esqueçamos que nem todas as entidades são bem intencionadas. As outras é que quiseram fazer a «polícia do céu» e não lhes agradeceríamos demasiadamente êsse facto, se deixássemos à Providência o cuidado de determinar o dia e o lugar em que se realizará a vontade de Deus.

Manifestações espiritas

pelo Dr. Lôbo Vilela

N OS santuários antigos, desde as criptas do Himalaia aos hipogeus egípcios e às catacumbas de Roma, sempre a comunicação com os espíritos foi a base de toda a liturgia. O *sin-foismo* (via dos espíritos), que é a religião mais antiga do Japão, prescreve a evocação dos *Kamis*, os espíritos dos antepassados. Na China a evocação dos espíritos é uma prática vulgar do culto dos *Antepassados*. Os magos caldeus levavam uma vida de pureza e de oração constante para poderem comunicar com espíritos de elevada hierarquia. Entre os hindus, o *Angruchatta-Parikchai* tem uma parte consagrada à evocação dos *Pitris*. Na Grécia ⁽¹⁾ e na Roma antigas, a evocação dos *Manes*, *Lares* e *Penates* fazia parte do culto doméstico. Os druidas gaulezes evocavam os espíritos nas florestas.

Ulisses, para consultar o adivinho Tirésias, recorre à mágica Circe que o põe em comunicação com as sombras do Hades. E a sombra do Elpénor, que primeiro se manifesta, suplica-lhe que faça consumir o seu corpo e as suas armas e lhe construa um túmulo ⁽²⁾. Orfeu evocou o espírito de Euridice. Os atenienses, apavorados com as repetidas aparições de espectros e de fantasmas que assombravam a cidade, mandaram vir de Creta Epiménides que «passava por ser um homem querido dos deuses, dotado de grande sabedoria, muito instruído nas coisas divinas, sobretudo versado na ciência das inspirações e nos conhecimentos dos mistérios» ⁽³⁾. A sombra de Creúsa aparece a Eneas para lhe dizer que morreu; e Andrômaca invoca os manes de Heitor junto do seu túmulo ⁽⁴⁾, Eneas, por intermédio da sibila de Cumas, consulta a sombra de Anquises ⁽⁵⁾. Tibulo ⁽⁶⁾ refere-se a uma mágica que fazia sair os Manes dos túmulos. Segundo Lucano ⁽⁷⁾, havia na Tessália uma célebre mágica, Erato, «que fazia entrar as almas no seu corpo» e foi por ela que Sexto Pompeu soube do desfêcho da rivalidade entre seu pai e César. Dante ⁽⁸⁾, segundo a tradição, atribue a Erato a evocação da alma de Vergílio pouco depois de ele ter morrido.

Plutarco ⁽⁹⁾, que era sacerdote no templo de Apolo Pítico, afirma que os espíritos se manifestavam nos Mistérios. Pitágoras recebe ensinamentos dos espíritos, através de Teoclêa, adormecida. Cícero ⁽¹⁰⁾,

conta que Ápio comunicava com os espíritos; e, segundo Plínio, o Antigo ⁽¹¹⁾, ele evocou o espírito de Homero para se informar da sua pátria e da sua família. Pausânias, depois do assassinato involuntário de Cleonice, via todas as noites o seu fantasma, o qual lhe anunciou que deixaria de aparecer-lhe quando ele regressasse a Esparta. Cimon, filho de Milcíades, ia à caverna de Heraclêa, na Propôntida, consultar a sombra de sua irmã defunta ⁽¹²⁾; e Periandro, um dos sete sábios da Grécia, falava com o espírito de sua mulher ⁽¹³⁾. Saul visita a pitonisa do Endor para falar com Samuel ⁽¹⁴⁾.

Epiménides ⁽¹⁵⁾, Lucano, Tácito, Apuleio e Filostrato, evocaram os mortos. Sócrates ⁽¹⁶⁾, Apolônio de Tiana, Filon e Plotino, tinham os seus espíritos familiares com quem comunicavam directamente. Porfirio, que escreveu a vida de Plotino, diz que o génio tutelar d'este era duma hierarquia muito elevada. Lamartine ⁽¹⁷⁾, falando de Sócrates, diz: «Sim, ele era inspirado; ele o diz, ele o repete; e porque recusaremos nós de acreditar no homem que deu a sua vida por amor da Verdade? Há aí muitos testemunhos que valham a palavra de Sócrates moribundo?... Sim, ele era inspirado... A Verdade e a sabedoria não são nossas: elas descem do Céu aos corações escolhidos

⁽¹⁾ Os gregos chamavam *psicagogos* aos padres encarregados de invocar as almas dos mortos.

⁽²⁾ *Odisseia*, XI.

⁽³⁾ Plutarco: *Sólon* (Cadernos «Inquerito»), trad. Lôbo Vilela.

⁽⁴⁾ *Eneida*, II, 771, 788; III, 303-304.

⁽⁵⁾ *Eneida*, VI.

⁽⁶⁾ *Elegias*, 1, 2, 3 e 6.

⁽⁷⁾ *Farsália*, VI.

⁽⁸⁾ *Inferno*, IX, 25-27.

⁽⁹⁾ *Isis e Osiris*.

⁽¹⁰⁾ *Tusculanos*, I, 16-37.

⁽¹¹⁾ *Hist.* XXX, 6.

⁽¹²⁾ Plutarco: *Cimon*.

⁽¹³⁾ Heródoto, V, 92.

⁽¹⁴⁾ *Reis*, I, 28.

⁽¹⁵⁾ Fénelon: *Vie des Philosophes de l'antiquité*.

⁽¹⁶⁾ Platão: *Teageto*; Xenofonte. *Apologia de Sócrates*; Plutarco: *Do Demônio de Sócrates*, XX; Máximo de Tiro: *Philosophicae dissert.*, XIV, XV; Apuleio: *Do Deus de Sócrates*, t. V.

⁽¹⁷⁾ *La mort de Socrate*.

que são suscitados por Deus segundo as necessidades dos tempos». Segundo Plutarco «aqueles que têm vivido várias existências virtuosas estão em condições de se elevarem ao estado de espíritos e vêem-se visitados por outros espíritos que os sustentam nas suas duras provas, porque eles são, geralmente, perseguidos entre os homens».

Os filósofos da antiguidade explicavam os oráculos (1) pela intervenção dos espíritos (2). A sibila de Cumas dava oráculos nas margens do lago Averno; e o oráculo de Trepózia ficava junto do Aquéronte. Os oráculos eram dados, em geral, na própria língua dos consulentes. A resposta do oráculo de Amon a Alexandre, foi dada em grego. Referindo-se ao oráculo de Apolo de Claros, na Jónia escreve Tácito (3): «O intérprete do deus não é uma mulher como em Delfos: é um padre escolhido em certas famílias e ordinariamente em Mileto. Ele pergunta apenas o número e o nome das pessoas que se apresentam; depois, desce a uma gruta e bebe água duma fonte misteriosa; este homem, alheio às mais das vezes às letras e à poesia responde em verso às perguntas que lhe fazem mentalmente». Os oráculos mais célebres da antiguidade (4) foram o de Júpiter em Dodona, no Epiro e o de Apolo Pítico em Delfos, na Fócida. Crespo mandava emissários aos principais oráculos do seu tempo e fica maravilhado com a resposta que lhe vem de Delfos (5). Minos, Licurgo e Solon, consultavam o oráculo de Delfos em emergências difíceis; Alexandre I e Pirro, reis do Epiro, recorriam ao oráculo de Dodona (6); e Numa Pompílio ia ao bosque de Arícia consultar a ninfa Egéria (7). «Há razão de acreditar, diz Plutarco, que a divindade não desdenha de comunicar com aqueles que são religiosos e santos. Será justo acreditar que os deuses tenham honrado tanto os poetas e não tenham querido fazer a mesma honra a Zeleucos, a Minos, a Zoroastro, a Numa, a Licurgo, que todos têm fundado repúblicas e governado estados? (8)

Apolónio de Tiana passou sete dias na caverna de Trofónio, durante os quais o oráculo lhe ditou um livro inteiro, conta Filostrato (9). Tibério consultou o oráculo de Géryon que ficava perto de Pádua; Vespaziano, consultou o oráculo do monte Carmelo na Judeia e, quando passou a Alexandria, entrou sózinho no templo de Sérapis para consultar o oráculo; Tito consultava o oráculo de Pafos, na ilha de Chipre (10). Juliano recorria ao oráculo de Delos; e Trajano ao de Heliópolis, na Síria (11). Augusto, iniciado nos mistérios de Eleusis, via fastasmas, com frequência especialmente na primavera; a vitória de Filipos foi-lhe anunciada por um tessaliano a quem o espírito de Júlio César havia aparecido e encarregado dessa missão (12). Otão luta, em sonhos, com o fantasma de

Galba; o sono de Calígula é perturbado por fastasmas. (13).

Referindo-se a Juliano, diz o Abade Ducreux (14): «A sua tendência natural atraía-o para a filosofia que andava ligada com a religião dos génios de que os homens mais distintos pelo saber faziam o seu principal estudo. Chamou para junto de si os filósofos que julgou mais capazes de o auxiliarem. Libânio, Máximo de Tiro, Oribaze, que gozavam da mais alta reputação, foram d'este número, assim como muitos outros cujos nomes eram menos célebres. Foi com eles que assentou no sistema de religião filosófica que convinha substituir à idolatria grosseira do povo». Jamblico foi um dos mais notáveis conselheiros de Juliano, e, segundo o testemunho unânime dos alexandrinos, era afamado na ciência dos demónios e dos deuses, ultrapassando os seus antecessores e os seus sucessores na arte de os evocar.

O «Livro do Pastor» escrito por Hermas, ao qual se referem Clemente de Alexandria e Orígenes, encerra instruções claras e precisas, seguidas nas assembleias dos primeiros cristãos, que eram perfeitas sessões de Espiritismo. S. Paulo dá instruções aos fiéis sobre as regras a atender nessas reuniões cultuais (15). S. João ensina a distinguir os bons dos maus espíritos. «Caríssimos, não acrediteis em todo o espírito, mas

(1) A palavra «oráculo» tanto se emprega para designar a resposta dada aos consulentes como o indivíduo que a dá, ou o santuário.

(2) Fontenelle: *Hist. des Oracles*.

(3) *Anais*, II, § 54.

(4) A decadência dos Mistérios da Antiguidade acentua-se a partir dos meados do século III a. J. C. atingindo proporções inconcebíveis de depravação a ponto de, no ano 108 a. J. C., o senado romano intervir para extinguir os Mistérios Báquicos, origem dos mais escandalosos abusos. Diodoro de Sicília, referindo-se ao Templo de Eleusis, considera-o «um verdadeiro lupanar». Poucos foram os santuários que resistiram à onda avassaladora da decadência, mas os oráculos fizeram-se ouvir ainda por muito tempo. O oráculo de Delfos só foi encerrado no séc. IV da nossa era, por um decreto de Teodósio. (Plutarco: *Da Cessação dos Oráculos*). Bouché-Leclercq reúne abundantes documentos sobre as práticas adivinatórias da antiguidade na sua *Histoire de la divination dans l'antiquité* (4 vols., 1889).

(5) Heródoto: *Hist.* I, 47-48.

(6) Tito Lívio, VIII, 21; Plutarco; *Pirro*, 7.

(7) Plutarco: *Numa Pompílio*.

(8) *Numa Pompílio*.

(9) *Vida d'Apollónio*.

(10) Suetónio: *Tibério*, 15; *Vespaziano*, 5, 7; *Tito*, 5.

(11) Macróbio: *Saturn.*, I.

(12) Suetónio: *Augusto*, 93, 91, 96.

(13) Suetónio: *Otão*, 7; *Calígula*, 50.

(14) *Les siècles chrétiens*, I, 414.

(15) I, *Corint.*, XIV, 26-40.

verifical se os espíritos são de Deus» ⁽¹⁾. «Nós não recebemos o espírito dêste mundo, mas sim o espírito que vem de Deus», afirma S. Paulo ⁽²⁾.

Os principais padres da Igreja Grega primitiva, Clemente de Alexandria ⁽³⁾, Orígenes, S. Gregório de Nyssa ⁽⁴⁾, etc., assim como alguns vultos eminentes da Igreja Romana, entre os quais mencionaremos Santo Agostinho ⁽⁵⁾, e S. Tomás de Aquino ⁽⁶⁾, comunicavam com os espíritos. S. Justino ⁽⁷⁾ apresenta como argumento decisivo a favor da imortalidade da alma, a possibilidade de evocar os mortos. Tertuliano ⁽⁸⁾, afirma: «Os anjos têm um corpo que lhes é próprio e pode transmutar-se em carne humana; eles podem tornar-se perceptíveis aos homens, por certo tempo, e comunicar com eles visivelmente». Lactânio ⁽⁹⁾ diz que «se se ousasse negar a existência das almas depois da morte, bem depressa o mágico nos convenceria disso fazendo-as aparecer». Orígenes ⁽¹⁰⁾, que S. Jerónimo tanto admirava, apresenta os fenómenos espiritistas como factos incontestáveis. Quintiliano defende as práticas espiritistas num discurso célebre; e alguns papas da Igreja Romana a elas se dedicavam:—Benedito IX, Gregório VI e Gregório VII.

Santo Agostinho narra, nas suas obras, vários fenómenos espiritas. Entre eles avulta o que determinou a mudança profunda que se operou na sua vida. Uma voz misteriosa que dizia: «tolle lege» (toma, lê) conduziu-o a estudar as escrituras ⁽¹¹⁾. Nas suas «Cartas» ⁽¹²⁾ fala de algumas aparições de mortos que lhe predisseram acontecimentos ulteriormente realizados; na «Cidade de Deus» trata de processos teúrgicos para a comunicação com os espíritos. S. Ireneu afirma a realidade dos fenómenos espiritistas. Na sua controvérsia com Vigilantius, S. Jerónimo pronuncia-se a favor da possibilidade de comunicação com os mortos. S. Tomás de Aquino (*Summa*, I) é bem explícito:

«O espírito (*anima separata*) pode aparecer aos vivos». O abade Poussin ⁽¹³⁾, professor do seminário de Nice, afirma que ele «comunicava com os seres do outro mundo, com mortos que o informavam do estado das almas pelas quais se interessava, com santos que o confortavam e lhe patenteavam os tesouros da sabedoria divina».

O cardinal Bona na sua obra «*Da Distinção dos Espíritos*» diz: «É motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação, ou à arte dos demónios». Na «*História das práticas supersticiosas*» (t. VI) escreve o padre Le Brun, do Oratório: «As almas que disfrutam a bemaventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar, pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como atingiram a felicidade dos anjos, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades».

⁽¹⁾ I, João, IV, 1-6.

⁽²⁾ I, Corint., II, 12.

⁽³⁾ *Discours aux gentils stromats*.

⁽⁴⁾ *Discurso catequético*.

⁽⁵⁾ *De cura pro mortuis*, t. VI.

⁽⁶⁾ *Summa totius Theologiae*.

⁽⁷⁾ *Apologética*, liv. I, 18.

⁽⁸⁾ *Da carne de Cristo*, cap. VI.

⁽⁹⁾ *De Div. Institutionis*, liv. VII.

⁽¹⁰⁾ *Contra Celso*.

⁽¹¹⁾ *Confissões*, liv. VIII, 12.

⁽¹²⁾ *Lettre à Evodius* — Ep. CLIX (ediç. dos beneditinos, t. II).

⁽¹³⁾ *Le Spiritisme devant l'Eglise*.

NOVA SEDE

Temos a maior satisfação de comunicar aos prezados consócios que o Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de alugar o primeiro andar direito do prédio n.º 149 da Rua do Salitre, situado a cinco minutos da Avenida da Liberdade, onde se instalarão, brevemente, os seus serviços, bem como os da nossa revista. Este facto representa mais um passo em frente na jornada que empreendemos e vem preencher grande lacuna, de que se ressentiam os nossos trabalhos.

A-fim-de que o problema da instalação seja resolvido com a maior urgência, de harmonia com as necessidades da propaganda e tendo em vista a eficiência dos trabalhos práticos, fica, desde já, convocada uma reunião de sócios para o dia 28 de Abril, às 15.30, na sede da Sociedade Teosófica, R. Passos Manuel, 20, cave.

Fenomenologia metapsíquica

pelo Dr. Rodrigo Sanz

III

18. — As vidências mais comuns, por pertencerem aos dois sentidos mais informativos, são as *visuais* e as *auditivas*, mas também as há olfativas e tácteis e as correspondentes a qualquer dos sentidos, bem como outras que o metagnomo não pode descrever por falta de sentido físico que lhe corresponda.

De todas e, especialmente, destas últimas, se serve o psicómetra para alcançar, ou *apreender*, as qualidades ou os defeitos da pessoa psicometrada.

É mistério o que o metagnomo experimenta, pois o que ele diz é, ordinariamente, a *tradução* ou *interpretação* daquilo que sente e, por isso, a explicação costuma ser simbólica e alegórica.

As vidências são de multiplas espécies e grupos, e dividem-se em vidências de *presente*, de *passado* e de *futuro*.

19. — As vidências de presente, ou de acontecimentos actuais, podem ser *entre presentes* ou *entre ausentes*.

As primeiras são as *leituras do pensamento* — quando o vidente adivinha um nome, um número, uma data, um objecto, que recordamos ou em que pensamos. Outras consistem na visão ou na descrição dos *próprios* órgãos corporais internos, casos assaz verificados pela ciência e a que se dá o nome de *autoscopia*. Outros consistem, ainda, na mesma visão de órgãos corporais internos, mas de *outra* pessoa, de um doente, por exemplo.

O nosso vidente do Ateneu Espirita de Madrid era notável nesta espécie de vidência. Presenciei o exame feito por ele a um convalescente, operado de úlcera do estômago. Tinha em meu poder, feito pelo operador, um esquema do perfil do estômago, tal como havia ficado após a operação, que lhe cortara uma porção considerável daquele órgão.

Desenhei no quadro um perfil *normal* e o vidente advertiu-me de que *não havia* essa *barriga* (referindo-se à curvatura maior) e, depois de eu igualar o meu traço ao do esquema, ele disse então: «assim mesmo» (1).

Em Maio de 1936, já este vidente assistia, duas vezes por semana, à consulta de um nosso consócio médico, que me informou terem sido feitos quarenta diagnósticos por meio da vidência, todos eles confirmados por ulteriores explorações técnicas. O vidente

dissera, por exemplo: «Esta doente tem lesões no pulmão e rim direitos» e a radiografia revelara lesão no pulmão direito, e a análise de urina (colhida do respectivo uretere, como hoje se faz), acusara lesão do rim direito.

As vidências de presente distante, ou entre ausentes, são sempre surpreendentíssimas. As mais frequentes são as *premonições* de morte de entes queridos.

Há também as que descrevem naufrágios, incêndios, pessoas ou objectos, acontecendo ou estando a quilómetros ou centenas de quilómetros de distância.

Mencionemos e consideremos três casos de crescente assombro:

20 — Uma senhora, a meio dum jantar de cerimónia, dá um grito, estende os braços e diz: «meu filho! meu filho!» e cai com uma síncope. Ao voltar a si, conta, entre soluços, que a sala e os comensais haviam desaparecido da sua vista, para surgir o mar agitado e o seu filho sobre as ondas, estendendo-lhe os braços. Tempo depois, a senhora tem conhecimento da morte do filho, oficial da marinha, e que, navegando no Oceano Índico, havia sido arrebatado por uma onda, no mesmo dia em que se dera a visão. (Este é um dos factos, devidamente testemunhados, que Flammarion cita no seu livro «L'Inconnu», a páginas 130).

Se, neste caso, não admitirmos a metagnose, teremos que atribuí-lo, pelo menos na questão da data, a uma coincidência casual entre o desastre do jovem e a *alucinação* da mãe.

Calcula-se que há uma pessoa alucinável por cada 248, de modo que será de $\frac{1}{248}$ a probabilidade de que a senhora o fôsse. Uma síncope dum dos comensais num jantar de cerimónia, confessemos que não se dará uma vez em 50 ocasiões: mas tomemos a probabilidade de $\frac{1}{50}$. Uma mãe pode sofrer uma alucinação vendo o seu filho que é marítimo e está ausente, em perigo ou em segurança: se o vê em segurança, tanto o pode ver em serviço, como num divertimento

(1) Deu ainda informações sobre a *côr achocolatada* de grande parte da parede interna do estômago e, sete dias depois, num novo exame, ao notar que o *achocolatado* era muito menor e já tinha manchas cinzentas, anunciou franca melhoria.

ou numa solenidade; se o vê em perigo, tanto pode ser lutando com as ondas, como ferido ou doente.

Suponhamos dez alucinações possíveis e teremos a probabilidade $1/10$. Ignora-se quantas alucinações terá, em média, durante o ano, um alucinável, mas sabe-se que as de aviso de morte não se repetem em dez anos da vida do vidente: todos elles afirmam que lhes succedeu uma vez, duas, três, quando muito. Aceitemos, portanto, uma por cada vinte anos, ou seja $1/20 \times 365$ por dia da sua vida, de maneira que será de $1/7.300$ a probabilidade de coincidência do dia do desastre com a alucinação. A probabilidade total resultante, é de $1/248 \times 1/50 \times 1/20 \times 1/7.300 = 1/1.810.400.000$.

Quere dizer, é preciso que mais 1.800 milhões de marítimos sejam arrebatados por uma vaga, para que o acaso explique o facto da mãe ter a alucinação de ver o filho lutando com as ondas. E como desde todos os tempos ainda não morreu, dessa maneira, tal número de marítimos (seria preciso que em dez mil anos morressem quasi 500 por dia) temos de concluir pela realidade da vidência, tanto mais que o facto se tem repetido não poucas vezes!

21 — O imediato dum navio regressava do Haíti para o Havre. Dormia, certa noite, no seu beliche, quando se sentiu sacudido e ouviu uma voz chamar: «¡Manuell ¡Manuell!» Levantou-se e dirigiu-se ao Capitão — única pessoa a bordo que lhe conhecia o nome de baptismo — mas o Capitão não ligou importância ao facto. O imediato volta para a beliche e adormece novamente; torna a ouvir chamar e julga reconhecer a voz dum irmão de quem não tinha notícias havia anos. Reage, disposto a não adormecer e ouve, pela terceira vez, — agora completamente desperto — a voz que o chama. Levanta-se, então, e anota o dia e a hora do acontecimento.

Chega o navio ao Havre. Um amigo vai a bordo e o imediato diz-lhe, ao vê-lo: «Já sei o que aqui o traz; meu irmão faleceu tal dia e a tal hora...». Era exacto e o irmão tinha morrido chamando por elle, triste por não o ver (Excerto da mesma obra «L'Inconnu», pág. 191).

A probabilidade de o clariaudiente ser um alucinável, é de $1/248$. Idem da alucinação, ouvindo chamar pelo seu nome de baptismo: supondo que só dez fôsssem possíveis (por irmão, parente, amigo, antepondo ou pospondo outra palavra), a probabilidade será de $1/10$. Mas a alucinação pode ser visual e ser dum objecto, dum lugar, etc.; poderemos admitir 50 alucinações possíveis e a probabilidade da alucinação experimentada será de $1/50$ por uma só vez, mas experimentada três vezes, será de $1/(50)^3 = 1/125.000$.

Idem da coincidência da hora, (o relato não permite precisar melhor) entre a alucinação e o falecimento, igual a $1/20 \times 365 \times 24 = 1/175.200$, supondo, como anteriormente, uma vidência desta natureza por cada vinte anos de idade do sujeito.

Resulta a probabilidade total de $1/248 \times 1/125.000 \times 1/175.200 = 1/5.431.200.000.000$. Isto é, havia de dar-se alucinação idêntica mais de cinco biliões de vezes e, a-pesar disso, a explicação por casualidade não seria de admitir. Portanto, fica absolutamente demonstrado que todos os casos análogos são inexplicáveis pelo acaso.

22. — Relato firmado pelo Sr. Garling, homem culto e ponderado, negociante em Londres (pág. 207 da mesma obra).

«Uma quinta feira de Agosto do ano de 1849, fui passar o dia com um amigo, o Reverendo Harrison e sua família. Todos estavam de perfeita saúde. Deixei-os, no dia imediato, para ir passar alguns dias com umas parentas minhas que viviam numa casa de campo, a 47 quilómetros de Londres. Na segunda feira seguinte, depois do almoço, saí para dar um passeio, a pé. De repente, surgiu, ante mim, uma figura — de carne e osso, a julgar pelo encontrão que me deu. Vi-a mover os lábios, como dizendo-me alguma coisa; os seus olhos fitavam-me tão fixamente, que instintivamente recuei alguns passos. E pensei, talvez em voz alta: «¡Santo Deus, é Harrison!»

O espectro desapareceu. O sangue havia-se-me gelado nas veias, e nunca, na minha vida, senti uma tão grande sensação de frio, que tardou bem uma hora a desaparecer.

Nada disse em casa. A noite, recolhidos já os criados, e nós, que estávamos na sala, quasi a retirarmos-nos também, ouvimos grandes pancadas na porta da casa. Ficamos alarmados. Vieram os criados, que igualmente haviam ouvido, e o cão que estava conosco, meteu-se debaixo do sofá, e já dali não quiz sair. Abrimos a porta e não vimos nem ouvimos nada. A porta não tinha batente, mas não havia qualquer sinal de as pancadas terem sido dadas com uma pedra. Com dificuldade consegui que as senhoras e os criados se fôsssem deitar. Não me ocorreu relacionar as pancadas com o espectro.

Na quarta-feira regressiei ao meu escritório, em Londres. Um empregado disse-me que um senhor já ali estivera duas vezes e desejava falar-me com urgência. Voltou, pela terceira vez: era um amigo da família Harrison, que me disse: «O cólera devastou a casa do Sr. Harrison. Morreram a sua mulher, a Sr.^a Rosco, a ama e a menina; a cosinheira também foi atacada, mas está livre de perigo; o Sr. Harrison

há três dias que se encontra no Lazareto e pediu, instantemente, que o avisassemos a V., o que não temos podido fazer por ignorarmos o seu paradeiro.

Tomamos um trem, imediatamente, mas quando chegamos ao Lazareto Harrison havia falecido.

23. — É de pasmar o cálculo de probabilidades neste caso complexo!

Temos de contar com *quatro alucináveis*, pelo menos: Garling, que viu à tarde e ouviu à noite; as suas parentas, que ouviram à noite e que, para evitar a objecção da alucinação transmitida, consideraremos como uma só pessoa; os criados, que também ouviram e se levantaram alarmados, e que tomaremos também por uma só pessoa pela razão apontada; e o cão, que também ouviu e se escondeu, cheio de medo, debaixo do sofá.

Suponhamos que a proporção de cães alucináveis seja *óctupla* das pessoas, ou de uma para $2^{46}/8 = 31$, e então a probabilidade de os *quatro alucináveis* se juntarem, será de $1/(248)^3 \times 31 = 1/472.842.752$.

Suponhamos que as alucinações *auditivas* possíveis eram só dez para cada um dos quatro. As quarenta bem podiam ser todas diferentes, mas admitamos também que uma lhes era comum, precisamente a das pancadas na porta. A probabilidade desta alucinação idêntica, será de $1/10^4 = 1/10.000$.

Suponhamos que as possibilidades de alucinação visual de Garling fôsem só 50. A probabilidade daquela que teve à tarde, é de $1/50$.

Suponhamos que a coincidência da alucinação de todos, com a doença do amigo, foi somente *quanto ao dia* ⁽¹⁾.

E supondo uma alucinação por cada vinte anos de idade da pessoa e admitindo que nos cães a frequência seja *décupla*, ou de uma por cada dois anos da sua idade, teremos: probabilidade de coincidir o dia da doença com a visão $1/20 \times 365 = 1/7.300$; e de coincidir a doença com o ouvir das pancadas, $1/(7.300)^3 \times 730 = 1/283.982.410.000.000$.

A probabilidade total resultante e da ordem das *quinquilhonésimas*: um número de mais de 20 algarismos contra a unidade! A metagnose é evidentíssima, e a idea do acaso faz rir.

24. — Aplicaremos aqui a observação que fizemos a princípio.

Nos três casos precedentes e em todos os análogos, há *metagnose* e *metaplasma*, *simultaneamente*: o fenómeno é de conhecimento para uma alma percipiente, mas é de acção para uma agente.

O jovem marinheiro visto por sua mãe a meio de um jantar de cerimónia; o irmão de outro marinheiro

que ouve chamar pelo seu nome de baptismo e o amigo que aparece ao Sr. Garling durante o seu passeio e que, certamente, bate, depois, as pancadas na porta, ouvidas por todos, *originam o fenómeno metagnósico mediante outro metaplásmico*, consistente em que, manejando as suas almas, de uma forma ignorada, a matéria ou qualidades materiais, se fazem ver, ou ouvir, ou produzirem-se ruídos de pancadas.

Tenhamos a convicção de que as aparições eram *fotografáveis*, porque o foram e são outras que os videntes percebem; e que os ruídos e as vozes eram *fonografáveis*, porque o são a voz directa e os «raps» das nossas sessões.

Convençamo-nos de que estes fenómenos são *impropriamente* chamados *subjectivos*, porque não são ilusão nem alucinação, mas *alucinações reais* — como os cientistas, com ares ridículos, tiveram que denominá-los — ou seja com objecto ou causa exterior.

Dir-nos-ão que avançamos demasiadamente atri-
buindo à alma de um ausente a causa dos fenómenos.

Pois bem, atribuam-se ao próprio percipiente, se lhes agrada, mas não evitarão ter de admitir, então, que o individuo vê ou ouve o que previamente *metaplasma fôra de si*, pois — repito — a sua evidência não é ilusão nem alucinação.

E veremos, afinal, quem avança mais depressa e mais a direito: se nós, à claridade e simplicidade da nossa concepção, se o adversário com a complicação, confusão e ineficácia de ideas.

(1) A visão a uma *segunda-feira* depois da refeição e as pancadas depois da ceia. Na *quarta-feira* era o *terceiro dia* da doença. Logo, esta fôra na *segunda-feira*.

O ESPÍRITO, DEPOIS DA MORTE

A situação do espírito, depois da morte, é a que para si preparou por sua vida corpórea. Uma vida mal preenchida é uma tarefa que precisa de ser feita de novo, em condições mais penosas. Aqueles que sofrem muito devem dizer que muito tinham de expiar. Muitas vezes, o nosso defeito dominante não é mais do que o resultado dos nossos hábitos preponderantes, numa vida anterior. Entretanto, os espíritos culpados não são réus condenados a galés perpétuas, mas, antes, doentes, conservados, temporariamente, no hospital. Sofrem, simultaneamente, por causa da doença, que é culpa sua, e por causa dos meios curativos que ela exige. Assim, para todos está aberto o caminho da felicidade e franqueadas as condições que é preciso satisfazer para entrar nele. Deus, em sua justiça, fez da felicidade o fruto do trabalho e não do pavor. A cada um, segundo as suas obras, tanto no céu, como na terra.

P. V. Marchal

HOMENAGEM DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR AO MESTRE ALLAN KARDEC

N O vasto salão da Sociedade Teosófica realizou o nosso Centro no dia 31 de Março último e com farta assistência, mais uma festa de confraternização espírita para homenagear Allan Kardec por ocasião do 17.º aniversário da sua desencarnação.

Sobre a mesa da Presidência, ornamentada com lindas flores, via-se, num quadro, o emblema do Centro pintado a cores, e, em volta, a seguinte inscrição: «Homenagem do Centro Espiritualista «Luz e Amor» ao grande Mestre Allan Kardec — 31 Março de 1940».

Presidiu o Tenente Isidoro Duarte Santos, secretariado pelos Drs. José Joaquim Gaita e Sebastião Elviro Martins.

Antes de aberta a sessão, foram feitas as preces habituais pelo Secretário Geral, acompanhadas mentalmente, como de costume, pelos assistentes, no meio do maior recolhimento. Em seguida, o Grupo Familiar n.º 1 entoou um hino religioso, cheio da maior união. As suas vozes harmonizavam-se admiravelmente, formando assim um apreciável conjunto vocal que deixou a assistência agradavelmente impressionada.

Aberta a sessão, com um pequeno discurso proferido pelo Presidente da Mesa e alusivo ao Mestre que se ia homenagear, deu-se começo ao programa.

Primeiramente, o nosso confrade Manuel Tavares proferiu uma palestra biografando Allan Kardec e pondo em foco o trabalho metódico e sobrehumano do Mestre do Espiritismo, as suas lutas e as suas vitórias, terminando por convidar os presentes a elevarem o seu pensamento, honrando e glorificando o seu

nome. Durante a sua palestra, este confrade descerrou, no mesmo quadro onde estava o emblema de Centro, dois retratos de Allan Kardec, um quando ele tinha os seus 30 anos e outro quando já no apogeu da propaganda espírita.



ALLAN KARDEC

Em seguida, a Senhora D. Arlindina Zany tocou ao piano uma composição intitulada «Le Lac du Cômé». Ao terminar, a jovem pianista foi alvo duma grande ovação com a qual a assistência premiou o seu apreciável trabalho.

Depois, a Senhora D. Etelvina Magalhães acompanhou ao piano D. Marieta Esteves que cantou, com todo a sentimento, «Saüdade», com letra desta jovem cantora, sendo ambas muito aplaudidas.

O Dr. Elviro Martins proferiu, seguidamente, uma palestra sobre a obra admirável de Allan Kardec e o alcance moral da doutrina que ele codificou, exortando os presentes a não esquecer o lema que ela impõe: «Fora da Caridade não há salvação».

A menina Graciete de Melo recitou, depois, dois sonetos de Júlio

Dantas: «Passos de dança» e «A Espada». A sua juventude, os seus gestos e o à-vontade com que recitou essas poesias, encantaram os assistentes que lhe prodigalizaram muitos aplausos.

Depois, D. Arlindina Zany tocou ao piano «Despedida», recebendo também muitas palmas.

Em seguida, o Dr. Pedro Dias de Sousa recitou uma interessante poesia do nosso consócio, sr. Capitão Estêvão Rodrigues, terminando assim a primeira parte do programa.

Intervalo pequeno, devido ao adiantado da hora,

DO INVISÍVEL

O ESPÍRITO DE GARRETT FALA ACERCA DOS DOIS MUNDOS...

Não sou pessoa que me faça rogar. Cedo, com prazer, ao teu desejo e cumprio, com gosto, a minha antiga promessa. Vou, pois, desempenhar-me da primeira tarefa, visto que tenho para mim que, se nos dermos bem, outras teremos ao depois.

Há tanta coisa de novo a dizer, que mal sei por onde possa principiar.

Não esperes, nem ninguém, que, nestas pequenas miniaturas que daqui fazemos, possamos dar mais que ligeiros esboços ou insignificantes detalhes, da vida que levamos. É ela tão diferente da daí, que não encontramos termos apropriados, nem comparações, senão longamente semelhantes, que dêem uma fugidia idea do que aqui se passa.

A razão é óbvia e salta aos olhos ao primeiro golpe.

A vida na terra é toda própria para o homem, feito em matéria pesada e incessantemente renovável. Essa matéria tem sensações que a magoam e sensações que a deleitam. Assim, pois, o homem passa aí o tempo a preparar elementos com que satisfaça a lei natural de evolução física do seu organismo e na procura incessante, melhor direi, na diligência incessante de se esquivar às sensações magoantes e de conquistar as sensações deleitosas.

Nisso se consome, nisso está a causa de todas as suas preocupações.

A vida aqui está isenta das pesadas exigências da matéria carnal. O homem, despojado do envólucro que aí arrastou e de que aí foi escravo, não tem, em regra, que obedecer à vontade do estômago, às ordens do mundo, nem às contingências da saúde. A sua matéria astral (deixa-me dizer assim, para dar uma idea compreensível), a sua matéria astral é mais leve, não é renovável, não tem, pois, exigência de refazimento próprio, nem da procriação da espécie. Contém-se, na-

turalmente e sem esforço, dentro dum limite quasi inteiramente espiritual.

As sensações que a dominam, consoante concordam os infinitos graus de espiritualidade e do adiantamento em que cada um se encontra, são, todavia, todas ou quasi todas, de ordem moral. E tanto o são as sensações de desprazer, como as sensações de gozo.

Dêste modo, a diferença da vida é tão grande, quão grande for a diferença entre os homens, no seu relativo grau de espiritualidade.

Não se suponha que a morte nivela todos. É isso uma das ilusões que aí escondem ao olhar supersticioso dos homens. É um dos muitos abusos da ignorância.

A morte iguala só no acto necessário do despojamento da carne; porque, assim como mata aí um sábio e um ignorante, um infante e um velho, um santo e um perverso, assim os fará ingressar aqui sábios e ignorantes, infantes e velhos, santos e perversos. Só ao depois é que cada um, prossequindo na evolução interrompida aí pelo corte feito pela implacável Parca, ao fio da sua existência terrena, segue, segundo a orientação que traz, ao destino que as suas qualidades ou os seus defeitos o encaminham.

Mas não vão ficar inactivos. Não vão entregar-se à sonhada beatitude os bons, nem cair na temerosa caldeira os maus. Readquire cada um o seu arbitrio, conforme o seu aprazimento.

Têm os bons vasto ensejo de dar largas aos seus sentimentos caritativos, espalhando-se em todas as direcções, levando consolos, aconselhando coragem, exemplificando paciência e pregando a resignação como veículo principal para se chegar à perfeição, onde só impera o amor e a paz da consciência; assim como os que não são bons têm ocasião de dar largas aos instintos ainda atrasados. E não se suponha que estes são inteiramente e eternamente maus. Não. Em-

e abriu a segunda parte o Dr. José Joaquim Gaita que, num elevado improviso, proferiu uma palestra sobre a excelência da doutrina espirita, da Caridade e da Solidariedade que deviam unir todos os humanos, sobre as faltas que nos obrigam a reencarnar e a Infinita Bondade de Deus que não castiga nenhum dos seus filhos. Para Allan Kardec teve palavras sentidas de admiração e respeito.

Ao piano, D. Etelvina Magalhães tocou, depois, o «Miserere», da ópera «O Trovador», de Verdi, escutada com geral agrado, sendo muito aplaudida ao terminar.

Em seguida, a menina Graciete Melo disse a poesia de Júlio Dantas «O Médico e a Duquesa», em que demonstrou mais uma vez as suas excelentes qualidades de declamadora.

Seguiu-se D. Marieta Esteves, acompanhada ao piano pela Sr.^a D. Arlindina Zany, cantando «Luz Redentora». A sua voz foi muito apreciada por todos,

pelo que recebeu muitas palmas e cumprimentos pessoais de alguns confrades.

A mesma pianista acompanhou, depois, ao piano, a menina Graciete Melo, que cantou «Milagre», sendo também muito aplaudida.

O Tenente Isidoro Duarte Santos proferiu em seguida uma palestra, também sobre a vida e obras de Allan Kardec, durante a qual teve ocasião de apreciar em toda a sua grandeza o trabalho fecundo do Mestre e os benefícios que, da doutrina por ele ordenada, resultaram para toda a humanidade.

O Grupo Familiar n.^o 1 cantou seguidamente mais um hino religioso, depois do que, durante dois minutos de silêncio, a assistência fez uma prece mental.

E assim terminou esta sessão solene que a todos deve ter deixado recordações indeléveis.

Os retratos de Allan Kardec foram desenhados pelo confrade Manuel Tavares.

quanto a eles próprios, têm de evoluir, mais vagarosa ou apressadamente, segundo o empenho que puserem na sua vontade de fazerem ou não fazerem actos que, perante a justiça e a moral absolutas, se possam considerar bons e que, como tais, a sua consciência intencionalmente os tenha ou pratique. Nos actos que a mesma consciência reprova, eles podem fazer bem; mas não são como bons contados no seu activo de progresso, porque não correspondem à deliberada vontade de progredir, nem ao desejo, de como bons os fazerem. Se não aproveitam, porém, a quem os pratica, podem aproveitar àqueles contra quem são praticados.

Um homem que aí na terra for mau, a morte tráz-lo-á aqui ainda mau. Se ele põe em sincero propósito o desejo de emendar-se e melhorar, pode começar desde logo o seu pesado noviciado, resignando-se no seu sofrimento e predicando a resignação aos insofridos. Pode, no meio inferior e penível em que for lançado, procurar aconselhar, mover ao arrependimento e à prática de boas acções os que têm em sua volta; e à proporção que vai apostolizando e firmando em sinceras bases a sua obra de converso, vai progredindo, vai aliviando o peso da matéria astral de que é composto o seu organismo. E assim como se vai aliviando esse peso, a matéria vai perdendo a sua densidade; e como perde a densidade, vai branqueando a sua cor, e de como branqueia a cor se eleva na escala da perfeição e ascende a regiões mais puras, mais elevadas, mais belas.

Mas se o homem, com o desengano que a morte deu às suas ilusões terrenas, ou com a raiva que os sofrimentos, provocados pelas más acções que praticou, lhe ocasionam, em vez de se arrepender e humilhar, se rebela e prossegue na via dolorosa dessas más acções, então, sendo mau para si, pode ser bom agente de aperfeiçoamento para os outros. Despenha-se na enorme legião dos anjos caídos, que a lenda chama demónios e vai, por esses mundos fora, a desempenhar o papel de tentadores de almas. Aos avaros, tenta-os na riqueza; aos vaidosos, pelo vício que os domina, etc. A cada pessoa tenta pelas fraquezas que lhe conhecer. Entra-lhe na vida por todas as frinchas que encontrar abertas. Se a pessoa tentada, resistindo à sedução, expulsar de si e fechar, após a sua saída, a frincha por onde ele entrou, terá dado um largo passo na sua carreira espiritual e ao tentador uma áspera lição, que o desgostará e punirá; se, ao contrário, se entregar ao deleite da tentação e adormecer docemente embalado nos braços do tentador, grande mal terá feito a si e grande prazer terá dado ao grande inimigo que se quedará alojado na sua vida, como um parasita numa árvore indefesa: Não soube resistir. Não tinha ainda a perfeição moral necessária para condenar o que era mau.

Não suponha o leitor medroso que está desprevenido e sujeito a essas ruins tentações. Ao contrário, está muito bem armado para a sua defensiva.

Em primeiro lugar, e como bem armada cidadela, para defesa tem a sua consciência. É como sentinela vigilante da sua alma e ela se encarrega de dar o grito de alarme contra o inimigo, quando ele se aproxima. Depois, há o raciocínio para nos dizer o que é bom e o que é mau; há o instinto sensitivo e artístico para nos indicar o que é belo. Há a inteligência natural de todas as pessoas a desimpedir-lhes a compreensão e a aferir, por esta, o grau de responsabilidade nos actos que pratica.

Tudo isso são elementos naturais de defesa; são, permite-me a imagem, a guarnição própria e efectiva da cidadela. Há, depois, elementos adquiríveis, que podem ser poderosos ou fracos, porque são relativos e partem de causas mais indirectas e muitas vezes até independentes da vontade de cada um. São os que têm origem no meio em que as pessoas nascem e vivem: os que são oriundos ou supervenientes da educação; os que dependem do melhor ou pior equilíbrio da vontade e da razão; os que se tomam dos exemplos que na vida aí mais se ajustam ao modo de ser de cada pessoa; e, finalmente, há mais, como forças a apreciar, ainda que invisíveis à vista incauta, às diligências que os espíritos melhores e abnegados põem sempre em jogo contra as tramas e rédes dos espíritos tentadores. Estas diligências são ainda consoante o modo como as pessoas as recebem e aproveitam, dependendo, portanto, da vontade dos interessados o grau de eficácia que delas promanam.

Como se vê, tem cada individuo um bem provido arsenal defensivo; e só se deixa vencer pelo desprezo a que votar todos os meios de reagir que Deus põe à sua disposição.

Não é fácil nem possível dar-se, em rápido bosquejo, uma idea aproximada da vida extra-terrena. É infinitamente mais complexa e mais variada nas suas múltiplas manifestações do que aquela que aí conhecem e usufruem.

Se lhe faltam as exigências materiais e correlativos gazos e desprazeres, tem, incomparavelmente, mais cambiantes por que se aprecie. E nem a ilusão da vida terrena, com as suas materialidades, as suas preocupações, as suas dores físicas, os seus gozos sensuais, todos os seus defeitos morais, todos os seus tormentos, falta; e às vezes — ai de nós! — notavelmente exagerada.

Há de tudo na baixa materialidade, desde a sensação da fome e da sede, insaciáveis nos glútes, de medo ao roubo nos avarentos de imagináveis tesouros; de ciúme nos ciumentos amorosos; da insatisfação de desejos nos viciosos; dos horrores da hora extrema nos suicidas e da persistência dos motivos que os levaram a tentar a libertação pela morte, até ao amor sensual, apaixonado e violento por pessoas que aí deixaram, ou que aí encontram, já depois de estarem aqui.

Há como que uma outra humanidade terrena que passa e vive junto de vós, que não vêdes, mas que muitas vezes sentis, que goza, vive e sofre convôscos. Ajuda-vos ou contraria-vos nas vossas coisas. Dá-vos inspiração, colabora nas vossas obras, guia os vossos passos, anima-vos ou desalenta-vos. Incita-vos nas vossas descobertas; corrige-vos nos vossos defeitos, ou explora-os, se lhes derdes azo a isso. São estas entidades invisíveis que conduzem muitas vezes os acontecimentos na vossa vida por modo a que chamais — o acaso — a providência — a fatalidade.

Estas denominações e outras equivalentes, que vos esfalfais em rebuscar para explicar factos em que verificais uma causal inteligente e apropriada, para que não concorrestes, não representam, senão o vosso implicito reconhecimento pela existência e pela acção do mundo invisível que vos rodeia. Este mundo também não obedece ao acaso e à inconstância: segue leis que tendem a um fim: — o aperfeiçoamento da humanidade.

Empregam esforços combinados; têm acção estabelecida e cada individualidade tem a sua acção pró-

Notas & Comentários

«Doutrina nova?»

Pelo Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, tivemos conhecimento de um artigo intitulado «Espirito», publicado no órgão da Federação Espirita Portuguesa e subscrito por Antônio A. D. Veiga.

Logo no princípio e, decerto, para firmar doutrina — a tal «Doutrina Nova?», com que ladeia o título do artigo — diz que «o progresso do Espirito, atribuído vulgarmente ao próprio Espirito não passa de um erro comum», «que só pode levar a falsas conclusões», «como quando se afirma que, nas vidas sucessivas da alma, ele se vai aperfeiçoando e progredindo com o tempo e a experiência».

O director de Mundo Espirita não esconde o espanto, em face de tão estranha afirmação, que pretende deitar abaixo um edifício milenário, construído a expensas da própria entidade que se quer excluir da lei de progresso contínuo, atribuindo-lhe a essência e os atributos da Divindade.

Um pouco adiante, o articulista concede: «É também certo que o espírito da humanidade, hoje, é muito diferente e melhor que o espírito que presidia à vida do troglodita; portanto, há um progresso inegável no seu desenvolvimento. Mas, sendo impossível admitir-se aperfeiçoamento no que já de si é perfeito, é errônea a doutrina do seu progresso».

Confessamos a nossa perplexidade e ignorância, em presença de semelhante filosofia, apresentada, assim, à queima-roupa, sem mais aquelas, pelo ilustrado sr. Antônio Veiga, e não nos atrevemos a comentá-la, mesmo ao de leve, com receio de aumentarmos, ainda mais, a nossa confusão. Pois, não diz ele, linhas abaixo, que Espirito e Matéria, conjugados, criaram Deus, a vida universal: «conjugados, porém, os dois princípios (espirito e matéria) produziram um terceiro estado superior e independente — a vida universal — Deus?»

«Como não havemos nós de ficar atordoados e confusos? É assim como se nos dessem com um martelo-pilão na cabeça! Então, não andamos nós há tantos

anos a estudar, a meditar, a verificar o constante desenvolvimento do espírito humano, para, agora, num instante, mercê do decreto do sr. Veiga, tudo ficar desmoronado, sem cura possível? Não andaram tantos escritores e pensadores e filósofos a esquadriñar os arcanos da criação e o profundo e largo oceano da psicologia, para chegar a conclusões erradas, absolutamente infantis?...

«Ora, não há!... Se a «Doutrina Nova» do sr. Veiga atribue apenas à matéria o privilégio da evolução, como explicar a existência de génios em corpos disformes, anormais e funcionando deficientemente? Como explicar os génios da antiguidade, visto que a matéria, nessa época, estaria certamente, muito longe, em perfeição, da matéria de hoje? E todos sabem que ninguém suplantou ainda, em sabedoria, os velhos Aristóteles, Sócrates e Platão...»

Quod est...

Não fazemos comentários ao que não tem comentário possível. Só lamentamos que esta «Doutrina» seja propagada no órgão duma Federação Espirita, com responsabilidades doutrinais.

«Se é nova doutrina que se pretende lançar, — como diz Mundo Espirita —, que se previnam os espiritistas, sem se esquecerem de que há nos Evangelhos do Senhor uma advertência que diz: Haverá falsos Cristos e falsos profetas...»

«Vão lá entendê-los...»

É assim que a Região de Leiria intitula um artigo de referência a certa fita cinematográfica e de crítica a certos críticos da fita. Tratava-se, nada mais, nada menos, que duma fita de combate ao Espiritismo, engendrada na América por doutores da mula russa que ficaram anchos ao ver quatro basbaques aplaudir a burundanga.

A coisa é fácil... E vai daí, toca a simular os fenómenos e a demonstrar a fraude mediúnica, com senecerimónia absolutamente americana e completo desprezo pela inteligência dos espectadores.

«E no écran — escreve a Região de Leiria — foi passando o filme, que cabalmente satisfaz a quasi totalidade dos assistentes, muitos dos quais não acreditavam, acreditam, nem já mais acreditarão na existência e na manifestação dos espíritos — mas têm medo deles, como se o que não existe atemorizasse alguém.

«Verdade diga-se, — continua — que há pessoas descrentes dessas coisas que, ao cair-lhes em casa desarranjo nervoso, desafinação mental, alucinações visuais ou auditivas, estalos em móveis e nas paredes, deslocação de objectos sem contacto, levando às vezes sua bofetada, sem verem nem saberem donde vem, — essas incrédulas criaturas vão ou mandam a lugares onde supõem poder existir explicação e remédio, a saber se aquilo serão espíritos e se os não poderiam mandar embora, como quem enxota incómodos mosquitos. Mas que façam isso, sem que o público saiba,

pria. Trabalham todos para a mesma resultante, seja qual for o modo como trabalhem e o fim, aparentemente divergente, de cada um.

Assim como podem aí os homens amar-se ou guerrear-se, que isso não influirá na lei que regula a rotação da terra, e a terra pode tremer ou arrazar-se, que esses factos não terão influência na lei que faz gravitar os mundos e germinar a vida, assim a humanidade, aí e aqui, pode actuar como à sua vontade aprovar, que isso não impedirá que continue a existir, dentro da lei que o Criador lhe assinalou no Universo.

(De «O País da Luz», de Fernando de Lacerda)

A BEM DOS HOMENS

por Pedro Cardia

AS doutrinas néo-espiritualistas cujos princípios derivaram directamente de deduções provocadas pela observação e análise da natureza intrínseca de fenómenos complexos que revelam à evidência uma manifestação transcendente do Espírito, embora em fases diferentes de evolução, levam-nos à adopção de preceitos de ordem social que são a lógica seqüência do enunciado dessas mesmas doutrinas.

Assim, encontramos-nos em face da premissa de que, pela sua essência espiritual, o homem se acha ligado aos outros homens por laços de solidariedade que os seus instintos egoístas não podem fazer romper e que nos impõem deveres indeclináveis como sejam o de assegurar a cada um, pelo esforço comum, conjugado sinêrgicamente, um mínimo de conforto a que todos têm direito pelo facto mesmo de terem nascido.

Na época de desvairamento que estamos atravessando, ante o ciclópico gládio a que assistimos consternados, e que revela o máximo de inconsciência e a completa ignorância da natureza espiritual do homem e da sua posição no mundo, cumpre-nos a nós, que profundamente convencidos estamos dessas realidades espirituais, como as únicas subsistentes, pugnar pela aplicação prática no campo social dos princípios que nos orientam, a-fim-de contribuímos com a nossa quota parte para melhorar o mundo em que habitamos.

Ora não nos parece que fôsse muito difícil melhorar as condições da vida, se desenvolvêssemos uma propaganda intensiva no sentido de garantir a cada um esse mínimo de bem estar que, traduzido em dinheiro, representaria dada quantia diária, como e expressão do «Direito à Vida».

E calculada essa quantia, estabelecer-se-ia uma taxa experimental que caberia pagar a cada indivíduo para garantia dêsse mínimo, até que os elementos estatísticos permitissem estabelecer a taxa actuarial prevendo todas as contingências a que possa estar sujeito, impeditivas da valorização do seu esforço próprio, mas tendo sempre em linha de conta que aqueles que realizam proventos muitas vezes superiores ao mínimo indispensável, deveriam pagar tantas vezes essa taxa, quantas vezes os seus rendimentos fôssem divisíveis pela quantia por que se traduzisse o «Direito à Vida».

Estamos certos de que a constituição de uma associação mutualista com esta finalidade conquistaria rapidamente as maiores simpatias e poderia influenciar o início de um movimento de solidariedade que os próprios Estados poderão porventura fomentar no futuro, numa alta compreensão da sua função orientadora da vida social dos povos, para satisfação das suas justas necessidades.

Que esta sugestão, a bem dos homens, seja compreendida e perfilhada por muitos, são os nossos votos sinceros.

E seria com imensa satisfação que veríamos cerrar fileiras em torno desta idea, os que sinceramente sentem como nós o indeclinável dever de solidariedade que deve ligar intimamente todos os homens, para com eles sermos arautos do Bem, armados em Cavaleiros da Paz.

Eu creio que o fenómeno mais saliente e que milita mais em favor da reencarnação é o dos calculadores-prodigios, entre os quais as crianças de 3 a 7 anos.

Engenheiro Giuseppe di Giorgi

por causa do ridículo da censura, pois tinha que vêr a sr.^a D. Fulana e o conceituado D. Beltrano terem em si próprios ou na família mais espíritos do que aqueles que Deus expressamente criou, quando os seus humanos progenitores lhes facultaram a vinda ao mundo.

«Ficaram, pois, satisfeitos os frequentadores de cinema nessa noite, com tão invulgar filme e, como lá estávamos, podemos estampar uma das frases mais reveladoras de tal satisfação, da inteligência e, certamente, dos profundos conhecimentos da matéria, que possui o espectador que a proferiu: É aquilo mesmo. Isto de espíritos e de Espiritismo não passa de uma intrujice.

«De facto, o que se exhibia no écran era uma completa, grosseira e descabelada intrujice».

E, depois de citar várias opiniões de sábios, como Crookes, Lombroso, Morgan, Zoellner e Ochorowics, conclue:

— ¡ Vão lá entender os doutores!... Os da fita, atribuem tudo à prestidigitação; estes, de quem transcrevemos os depoimentos, doutores de ciências e altas academias, dizem que há espíritos e que se manifestam no mundo físico».

É preciso que os nêscios saibam que o Espiritismo não se destrói com... fitas. Quanto ao resto, tão pãrvulo é quem engendra o aleijão, como quem no exhibe. O público, a-final, é quem menos culpa tem da beberagem, embora lhe sinta, de certo modo, os efeitos. Bem andou, pois, a Região de Leiria, pondo a calva à mostra ao charlatão. Nunca as mãos lhe dõam. A pedra, a quem toca... — I. D. S.

Potencialidade amorosa

(Tradução de I. D. S.)

pelo médium Ernesto Pérez Méndez



ERNESTO PÉREZ MÉNDEZ

Ernesto Pérez Méndez é, talvez, o médium peninsular que mais vasta obra tem produzido. O seus trabalhos inéditos vão muito além de uma centena, incluindo escritos filosóficos de alta transcendência, romances, contos, diálogos, peças teatrais, artigos jornalísticos, etc., etc. O que hoje publicamos foi-nos enviado pelo próprio médium e pertence a uma coletânea de vinte e cinco contos, intitulados «Antorchas» (Luzeiros), escritos com intuítos morais e de propaganda espírita. Estudos Psíquicos alarga, assim, a lista dos seus colaboradores e procura ventilar todos os assuntos de interesse, dentro do programa traçado.

Pérez Méndez resolveu participar da nossa obra e nesse sentido já nos enviou alguns artigos, que publicaremos, de harmonia com o espaço de que dispusermos.

Grande alma e grande amigo, está incondicionalmente ao nosso lado, no louvável desejo de bem servir.

«Potencialidade amorosa» encara um problema moral interessantíssimo e demonstra a necessidade de evolução espiritual, a que todos os seres estão subordinados.

Bemvindo seja, pois, o confrade Ernesto Pérez Méndez.

O amor, meus caros leitores, é uma paixão que nos afasta cada vez mais da animalidade, aproximando-nos da espiritualidade, dêsse amor do próximo, desconhecido das gerações primevas e que só à custa de dores e sacrifícios foi conquistando o coração da humanidade. A amor do próximo é o mais puro dos amores.

O lar foi o seu primeiro alicerce. Com a constituição da família, se atingiu o amor do próximo, e as almas encheram-se dessa virtude sublime, que tanto e tanto nos eleva.

Bemdito seja o amor, leitor amigo! Queira Deus que ele nasça na tua alma, mercê do teu esforço e vontade própria, pois só tu o poderás conseguir, visto que em ti ele tem o seu princípio fundamental.

Pôsto isto, vamos começar o nosso conto, alheio ao amor material, necessidade orgânica tão mal dirigida e encarada, sabido que essas desonestas uniões se realizam, quâsi sempre, à margem do amor. O materialismo invadiu os lares, onde o amor ponti-

ficava, transformando-os em qualquer coisa que não queremos nomear...

* * *

Adoração tinha trinta e cinco anos e encontrava-se no jardim dum vetusto palácio. Passeava muito abatida e preocupada. De vez em quando, parava, a contemplar as flores, sem lhes prestar atenção. É que, estando junto delas, o seu espírito vogava a grande distância do local.

Em que pensará? É necessário desvendá-lo, para irmos desenrolando a trama do nosso conto.

Está preocupada, porque a sua alma se deixou empolgar pela mais bela paixão da vida: o amor do próximo.

Nos primeiros anos da sua mocidade, quâsi ainda criança, teve um noivo a quem muito quis, mas não foi correspondida, visto que ele fôra dominado por

grosseiros sentimentos, em obediência às solicitações da matéria.

Guiada pelo amor do próximo, transformou o velho casarão em asilo, em condições de albergar trinta velhos e vinte e cinco crianças. Dêste modo, passava o tempo ocupada na administração da casa, prodigalizando carinhos aos pobres albergados.

Adoração não olhava a gastos, nem a sacrifícios, tal o entusiasmo que punha na sua obra meritória. Para ela, não existiam mais ilusões no mundo, do que tratar dos seus protegidos.

O pior é que os gastos aumentavam e as admissões diminuíam, sendo esta a causa da sua preocupação, pois chegava, até, a prescindir do mais necessário.

Dia e noite trabalhava no asilo, pondo tudo em ordem, para que nada faltasse; e, com esta prática de caridade, tornara-se mais sensível e gozava, exercitando o bem.

Encontrava-se, pois, no jardim, muito preocupada, porque as despesas haviam aumentado tanto, que os seus rendimentos não chegavam para as cobrir e sabia, por experiência, que lhe era impossível abrir a porta a mais asilados.

Este pensamento fazia-a sofrer imenso. Pressentia que muito em breve teria de recusar a entrada a algum desgraçado e não podia conformar-se. O seu amor abrangia todos os semelhantes e era bem diferente daquela paixão amorosa que dedicara ao noivo, no despertar da adolescência.

Nesta conjuntura, interrogava-se muitas vezes, na ânsia de resolver o intrincado problema, e as lágrimas assomavam-lhe aos formosos olhos negros e o peito se lhe enchia de angústia.

— ¿Que devo fazer, meu Deus? ¡Isto é. espantoso!... ¿Como renunciar aos meus amores? ¡Quero-lhes tanto, tanto!...

E passeava e passeava pelo jardim, dir-se-ia animada de misteriosa força. Parou junto duma roseira, para admirar as flores, mas lembrou-se, repentinamente, da capela do seu velho castelo e dum retábulo antigo que nela havia e no qual o seu avô costumava falar, encarecendo-lhe o valor artístico.

— ¡Ah! Talvez possa arranjar as coisas — murmurou —. Sim, sim. Devo vendê-lo. Primeiro, quero informar-me acerca do seu valor. Não, não. As rosas indicaram-me o caminho. Ao contemplá-las, pensei na capela, porque, muitas vezes, em pequena, lá fui levar flores, para a ornamentar. Esses tempos eram melhores. No meu castelo, tudo sobrava. De vez em quando, abria-se a capela ao público. Os meus avós tinham em casa dois velhos sacerdotes, que todos os dias diziam missa e pediam pelos desgraçados. Hoje, já não há nada disso, porque eu não desejo o supérfluo. ¿Estarei errada no modo de proceder? Não, não. Os meus antepassados pediam misericórdia para as necessidades; mas eu pratico-a. Não há dúvida de que lhes foi concedido o que pediam com tamanha pompa e toque de sinos.

«¿Que tonta que sou! ¿Porque relaciono isto com aquilo? Irei à capela, para ver como está o retábulo. ¡Que pateta! Agora me lembro de que a transformei em dormitório dos meus nênes e, por sinal, muito me criticaram as raparigas da terra. ¡Pouco me importou! Apesar disso, continuo a estimá-las e tratá-las-ia, como aos asilados, se, porventura, um dia se vissem em igual situação. Mas a capela e o retábulo estão no

dormitório. Vamos lá, que a situação não quer demoras. ¡Vamos! ¡Vamos!»

Dirigiu-se à capela, convertida em amplo dormitório; e, logo que chegou perto do retábulo, olhou-o com curiosidade, como quem abriga risonha esperança. Estava ela, porém, no auge do entusiasmo, quando se aproximou uma pessoa, de maneiras algo estranhas:

— Adoração, ¡muito trabalho tive para te trazer a este lugar!

— ¿Quem é o senhor?

— Não te alarmes. Sou um espectro...

— ¿Que brincadeira é esta? — exclamou a rapariga, num mixto de admiração e de receio.

— Não é brincadeira. Conheço as tuas preocupações e trato de remediá-las.

— ¿Por onde é que o senhor entrou?

— Pela porta por onde entraste.

— ¡É impossível!

— ¿Que tem isto de particular? Sou um sêr espiritual que, pela força das circunstâncias, se encontra ligado à tua obra.

— ¡Vá-se embora daqui! ¡Não o autorizo a permanecer neste lugar!

— ¡Espera um pouco! ¡Peço-te!

— ¡Não, não!

— ¿Que motivos te dei para isso? ¡Julgas-me um atrevido que te pretende molestar? Estás enganada. Eu não pertenço ao mundo material. Vivo a vida espiritual. Há 79 anos que abandonei a terra.

— ¡Não esteja com divagações!

— Peço-te que me atendas. Logo que me escutes, afastar-me-ei, da mesma forma por que me acerquei de ti.

— Então, diga o que deseja.

— Pouca coisa. Escuta. A minha vida foi tempestuosa e só com grande sofrimento a modifiquei, a pouco e pouco. Hoje, encontro-me relativamente aperfeiçoado e sou mensageiro de amor que vagueia pelo espaço, praticando a caridade e por esta razão vim a este velho palácio, para consolar os agonizantes e dar-lhes a luz necessária, com o fim de lhes mostrar como podem progredir na vida espiritual. Gosto de receber os que chegam daí, porque alívio as suas amargas dores, motivadas pela falta de razão.

«Não te assombres, Digo-te a verdade. O meu corpo é aparente, não contém matéria. Toca-o, se quiseres, e fá-lo sem temor. ¿Não queres?

— Não posso acreditar nas suas palavras.

— Olha bem para mim. Presta atenção. Um só momento.

A figura elevou-se, lentamente, e Adoração assistiu ao fenómeno, verdadeiramente assombrada. Era tal a sua impressão, que tremia como varas verdes.

— Não te assustes. Serena-te e acalma-te, minha filha, minha irmã em delicados sentimentos. Só duas palavras.

«Inspirei-te a idea de vender o retábulo da tua capela, idea que logo aceitaste, porque o amor do próximo te purificou a alma. Este objecto tem pouco valor. O meu fim era trazer-te aqui. Olha, levanta essa tábu.

— ¿Que tábu?

— A que está à tua direita, perto da imagem de Jesus-Crucificado.

— ¿Esta?

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

«Como meu filho provou a sobrevivência»

A senhora M. Y. Vickerman, presidente do Centro espírita Wibsey, de Bradford, publicou um depoimento interessantíssimo no semanário inglês *The Greater World*, em que se prova, mais uma vez, a sobrevivência. Esta senhora, há perto de meio século que faz experiências psíquicas, embora só há trinta anos tenha pensado a sério nas coisas do Além. A narração que se segue refere-se à época em que ela trabalhava com uma amiga dedicada que sofria duma chaga no tornozelo, pouco mais ou menos da largura de um xelim.

— «Uma noite, quando ia deitar-me — diz a senhora Vickerman — parecia-me estar a suceder alguma coisa de extraordinário no ângulo do quarto. Olhando melhor, distingi a forma de um homem na escuridão. Bem apessoado, usava uma espécie de pele manchada que lhe descia abaixo dos quadris. A seus pés, uma tijela com liquido efervescente, para dentro da qual ele parecia lançar hastes de papoila e fôlhas semelhantes às da malva dos pântanos. Quando o liquido arrefeceu, banhou com ele o tornozelo, onde notei uma ferida precisamente igual à da minha amiga».

Na manhã seguinte contou o facto à amiga, a qual resolveu fazer tratamento igual. O que é certo é que ficou inteiramente curada. Quinze dias depois, já não tinha vestígio algum de ferida no tornozelo.

Esta experiência decidiu a senhora Vickerman a estudar ciências psíquicas, tornando-se espírita militante. Desde então, muitas visões e símbolos se lhe têm apresentado. É uma dessas visões que ela vai contar, tão gravada lhe ficou, para sempre, na memória,

além de lhe fornecer a prova incontestável da sobrevivência.

— Essa visão apareceu-me na noite de 25 de Abril de 1937. Meu filho, desencarnado havia quatro anos, devia ter feito 29 anos nesse dia. Deitara-me um pouco triste, pensando nos aniversários que costumava festejar.

«Após o primeiro sono, fiquei acordada por longo tempo. As quatro e meia da manhã, apagou-se, automaticamente, a iluminação pública e o meu quarto ficou em semi-escuridão. Notei logo um ruído especial e um anel de luz girante iluminou o aposento. Depois, as formas espirituais começaram a desenhar-se gradualmente, estabelecendo círculos iguais aos que as crianças fazem, quando brincam. Nesses círculos, vi meu filho e sua esposa, que falecera, com o filhinho, cinco meses depois do marido; vi minha mãe, desencarnada há 14 anos; vi meu pai e outros parentes, emfim, verdadeira e feliz união familiar, como no tempo em que eram vivos da Terra.

— «¿Que significa isto, meu filho? — perguntei.

— «Hoje é dia do meu aniversário e por isso estamos contentes. De-certo, não se esqueceu...»

«Entretanto, cantava alegremente, um passarinho.

— «¿Que bela canção da aurora! — pensei.

«A seguir, disse a meu filho que não me esquecera e por isso lhe trouxera algumas rosas, que lhe entreguei. Pegou nelas, elevou-as à altura do rosto e exclamou:

— «Sete são esplêndidas. Não devia ter-se incomodado. Neste tempo do ano são raras, mas recuperá-las-á em breve».

Quando se desfêz a visão, a senhora Vickerman, olhou para o relógio: eram cinco horas e dez minutos...

Mais tarde, veio a confirmação da experiência.

— Sim. Não tremas. Já te disse que sou mensageiro de amor e que não pertenço ao teu mundo.

— Está bem. Mas eu não tenho força. Não posso...

— Acalma-te. Faz esforço com as duas mãos.

— ¿Assim?

— Sim.

A tábua soltou-se do lugar onde estava pregada e a rapariga sentiu emoção desagradável.

— ¡Por Deus! ¿Que é isto? — exclamou, assustadíssima.

— ¿Não vês que é um esqueleto?

— ¡Que horror!...

— Acalma-te. É o envólucro de um ser humano, que aí viveu noutra época. Debaixo desses ossos fossilizados, encontrarás o de que necessitas para atender às despesas do teu asilo. Leva-o, sem receio. Toda

essa riqueza me pertenceu. Adquiri-a com grande trabalho e enterrei-a no altar do meu corpo, antes de me sepultarem. Fui teu bisavô e sou, como disse, o teu inspirador.

«O lugar de perfeição que ocupo, consegui-o, praticando a caridade. Depois de ter acompanhado a vida de muitos avarentos, decidi-me a mudar de rumo.

«A tua alma é elevada. Por isso mesmo, libertou-se de novas e dolorosas provas. Sentes em ti o amor dos amores. ¡Bem dita sejas!... E eu, inteiramente livre, agora, do peso do passado, vou para outros mundos de maior prazer.

«Nunca te esqueças de que só a dor pode resgatar os erros produzidos pela insensatez. Foi a dor que fez nascer em mim os mais belos sentimentos.

«Prossegue na tua faina, Adoração, que és uma alma bondosa!

Certo médium, desconhecido da articulista, visitou o Centro Wibsey e fez entrega de uma rosa, obtida por *apport*, com a seguinte mensagem:

«Mãe, esta é a primeira rosa».

Note-se que o médium nada sabia acerca da visão. Da mesma forma, a senhora Vickerman obteve as restantes seis. A última mensagem dizia:

«Esta é a última».

Congresso de jornalistas espiritas brasileiros

Já nos referimos a este Congresso e publicámos o título das teses ali apresentadas e bem assim o nome dos seus autores. Acompanhámos os congressistas, através de *Mundo Espirita* e *Revista Espirita do Brasil*, e ficámos satisfeitos com a elevação que pairou na discussão de todos os assuntos. Os jornalistas espiritas brasileiros estiveram à altura da sua missão, demonstrando que há muito a esperar do seu bem ordenado esforço, em benefício duma causa, cujos adeptos se contam por dezenas de milhões em todo o mundo.

Na impossibilidade de relatar, pormenorizadamente, as sessões do Congresso, queremos, todavia, arquivar aqui as conclusões aprovadas, como homenagem àqueles inclitos confrades. Por elas se avalia o progresso do Espiritismo em terras de Santa Cruz.

Os jornalistas e escritores espiritas do Brasil, reunidos no Rio de Janeiro, por ocasião do 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, resolvem:

1.º — Declarar que, amigo da Ordem e da Paz, empreendedor e realizador, o Espirita é tão patriota e tão digno como os que mais o sejam dentro do conjunto de homens que constituem a Pátria, a qual não é por ele tomada apenas no sentido geográfico, no seu esforço de mantê-la bem alto no conceito dos povos, dos quais se reputa irmão, pela origem e pela finalidade, ocorrendo-lhe, porém, o dever a que não fugirá, e nunca fugiu, de defendê-la por todos os meios, quando ameaçada nos seus direitos, quaisquer que eles sejam.

2.º — Sugerir, preconizar, recomendar a organização, no Rio de Janeiro, de uma associação de jornalistas e escritores espiritas, na forma que fôr julgada mais viável e eficiente, para o fim de promover e intensificar o intercâmbio de jornais e revistas e do noticiário referente ao movimento espirita no Brasil. Organizada essa Associação, o actual Congresso entregar-lhe-á tudo quanto ao mesmo se referir, incumbindo-lhe manter a exposição de jornais, organizar os futuros congressos e fazer imprimir os anais do actual.

3.º — Recomendar conjuguem esforços, não só os jornalistas, que devem ser os orientadores da opinião pública, como também as melhores organizações espiritas, no sentido de que não seja permitido pelas autoridades públicas a organização de agremiações espiritas que pretendam fazer sessões públicas, sem que os seus dirigentes sejam julgados idôneos, intelectual e moralmente, e como tal reconhecidos no meio espirita e no conceito público pelo seu passado.

4.º — Recomendar o emprêgo de esforços para que aqueles que têm a seu cargo a divulgação da doutrina, não só nos jornais e revistas pertencentes às associações espiritas, como nas colunas dos jornais ecléticos, se limitem, tanto quanto possível, aos postulados da mesma e às suas obras basilares, esforçando-se todos para que não haja guarida nos jornais para campanhas deprimentes, nem para colaboração prejudicial. Para selecção dos colaboradores espiritas na imprensa, recomenda aos jornalistas espiritas o registo, no Serviço de Identificação Profissional no Departamento Nacional do Trabalho, como «jornalistas profissionais», permitido pelo Decreto-lei n.º 1.698, de 23 de Outubro do corrente ano (1939) já regulamentado pelo Ministro do Trabalho, conforme portaria publicada no Diário Oficial.

5.º — Concluir que o Espiritismo, tal como é praticado e compreendido no Brasil, orientado como se acha pela codificação Kardeciana e servindo ao Evangelho, na difusão das leis do Amor, do Perdão e da Caridade, colimando a Fraternidade, para o que não se pode traçar limites à sua evolução, não pode deixar de ser encarado no seu triplice aspecto — científico, filosófico, religioso — e, como tal, se torna digno do respeito dos homens e merecedor do mesmo acatamento que a imprensa dispensa aos demais ramos filosóficos e credos religiosos.

6.º — Afirmer que a terapêutica dos Espíritos, posta em prática através dos médiuns, não colide com o exercício da medicina ou da arte de curar, nem o molesta, sendo, antes, exercida para fins nobilitantes, e não constitui, por isso, dada a sua gratuidade, crime ou contravenção, ou, ainda, exercício ilegal da medicina.

7.º — Afirmer que o espirita, exercitando-se, cientificamente, filosoficamente e religiosamente, na investigação da sua origem e finalidade, difundindo os princípios filosóficos da sua crença, ou exercendo a caridade evangélica, pelos múltiplos meios ao seu alcance, educando, confortando, socorrendo, exerce um direito legítimo, que não fere nenhum princípio de ordem social e não incide em qualquer sanção penal, que não existam nos códigos brasileiros, salvo aquele que, ultrapassando as fronteiras do direito assegurado, se torna nocivo ao bem público.

8.º — Resolvem, ainda como demonstração de acatamento e respeito à ilustrada classe médica do país, notadamente aos psiquiatras, recomendar-lhes o estudo do Espiritismo, que, longe de os deshonrar e à Ciência, mais os engrandecerá, colocando-os ao lado de notáveis cientistas estrangeiros que com o assunto se têm ocupado.

9.º — Consignar seus aplausos às instituições que da instrução e da educação têm cuidado, organizando escolas, asilos, cursos e conferências, e apelar para os mesmos espiritos no sentido de conjugar esforços para maior distribuição da instrução e da educação nos centros espiritas, preparando uma sociedade que compreenda o Espiritismo nos seus três aspectos, como repositório e síntese das leis divinas e humanas e não apenas como veículo de consolação para as dores físicas.

10.º — Concluem, finalmente, que os espíritos devem envidar esforços para pôr o Esperanto ao serviço dos altos ideais do Espiritismo e sugerem que os jornalistas e escritores espíritas sejam os primeiros a dar o exemplo de aprender e ensinar Esperanto em seus grupos e associações, de maneira que possam formar, quanto antes, o corpo de redactores necessários a uma revista espírita de Esperanto.

Psicométrias e curas a distancia

A *Psychic News* de 3 de Fevereiro último narra fenómenos interessantes e curiosos atribuídos ao médium A. J. Steabben que, há cerca de 16 anos, tem aplicado as suas faculdades em curas a distância, muitas vezes beneficiando doentes que nunca viu.

Os seus diagnósticos psicométricos costumam ser tão exactos, que uma vez recebeu certo questionário da Jamaica, a que deu resposta, devolvendo-o ao remetente, que ficou altamente surpreendido ao verificar que a resposta lhe não dizia respeito, mas sim a seu pai, por quem havia sido escrito o questionário. Quere dizer: o consulente enganou-se, remetendo o questionário doutra pessoa, em vez do d'ele próprio; o médium, porém, não se confundiu e pôs-se em *relação psíquica* com o verdadeiro autor do documento, embora este último não estivesse assinado.

Steabben e os seus guias já têm sido vistos, claramente, pelos doentes, quando o médium se concentra nêles, embora este não tente, nessas ocasiões, projectar o corpo astral, limitando-se a elevar a Deus intensos pensamentos, no sentido de obter as curas.

Um dia, chegou tarde à sessão e diferentes pessoas viram o corpo astral do médium subir a escada, antes d'ele chegar ao edificio. Uma delas até abriu a porta e não encontrou ninguém.

Antes da Grande Guerra, já ele se interessava pelo Espiritismo. A própria vida lhe foi salva nas trincheiras, graças às suas faculdades psíquicas. O seguinte caso é de-veras edificante:

Estava para entrar num confortável ninho de metalhadoras, quando viu uma forma espiritual que o aconselhou a retroceder. Contou o fenómeno aos seus companheiros, mas eles não fizeram caso, achando loucura ficar cá fora ao frio. Uma hora depois, o esconderijo era atingido pelas granadas e os pobres soldados voavam em pedaços.

Steabben era muito amigo do famoso médium Alfredo Vout Peters, a quem descreveu uma velha afectada, chamada Ann, com um livro de orações na mão. Peters declarou que tinha uma tia d'esse nome, mas de carácter oposto e que nunca fôra à igreja. Pouco tempo depois, Steabben contou o caso à espôsa, que, por sua vez, lhe pediu que repetisse melhor a descrição. Satisfeito o seu desejo, exclamou:

— Eu tive uma tia Ann que me deu um livro de orações, quando fui à comunhão. Ainda o tenho.

Em determinada sessão, Steabben mencionou um nome que não podia ser revelado e fez uma descrição considerada incompleta. Em seguida, citou um livro, indicando o lugar onde este se encontrava, na estante de certo assistente, e sugeriu que, no livro, devia haver qualquer indicação acêrca da identidade do espírito. O livro foi encontrado no lugar indicado. Dentro

d'ele estava uma carta do espírito manifestante, pelo que foi, imediatamente, identificado.

¿ Terêsa Neumann não morreu ?

Muitos jornais europeus noticiaram o falecimento de Terêsa Neumann, a estigmatizada de Konnezsreuth, analisada, freqüentemente, por médicos e eclesiásticos, sem que uns e outros conseguissem surpreendê-la em fraude. *Match*, o grande hebdomadário parisiense, inseriu um artigo, que *La Revue Spirite* transcreveu, no qual fazia o resumo histórico da estigmatizada, acabando por dizer que a sua vida se extinguiu na primeira semana de Setembro último, sem proferir palavra e chorando lágrimas de sangue.

A-final, parece que a noticia não tinha fundamento. É o que se depreende da carta enviada por Guimel à citada revista e que, a seguir, transcrevemos:

«Não, Terêsa Neumann não morreu. A falsa noticia faz parte da campanha de mentiras do Reich e prova, mais uma vez, que se não deveria acreditar no que anunciam os alemães.

«Logo que a noticia me chegou aos ouvidos, pareceu-me suspeita e escrevi a «Dorola», que eu sabia em correspondência permanente com Terêsa Neumann e o Cura Naber. Eis o que ele me respondeu:

«3 de Outubro de 1939. ¡Não, Terêsa Neumann não morreu! São sempre os mesmos absurdos que fervilham nos jornais e noutras partes. As últimas noticias directas recebidas são de 3 de Setembro e *tudo ia bem* (maneira de falar). Portanto, deve desmentir a noticia. E se alguns falam em 8 de Setembro, como data da sua morte, envolvem esta balela em tais circunstâncias, que estabelecem, automaticamente, a prova nitida da mentira.

«Salta, pois, aos olhos que, se Terêsa anunciou ao supersticioso Hitler que este morreria um mês depois dela, ele não a teria mandado matar, após a ter enviado para um campo de concentração...

Há cerca de quinze dias que uma das minhas amigas foi a Bâle e ali viu uma carta de Terêsa Neumann dirigida a uma senhora daquela cidade.

«De resto, o bispado de Konnezsreuth desmentiu há pouco a noticia desta morte».

Sessão curiosa. A cada um o seu chapéu...

Ernesto W. Oaten fez, há pouco, em *The Two Worlds*, o relato de curiosa sessão com o médium Walter, muito conhecido em Inglaterra e ao qual os jornais da especialidade têm feito inúmeras referências. A bela revista *Constância*, de Buenos Aires, transcreveu a noticia do original inglês e nós trasladamo-la de *Constância*.

«O jovem Walter nunca realizava sessões na obscuridade, mas sim em plena luz. Na sua presença, vi e palpei luzes materializadas, formas, parcial ou totalmente materializadas, levitação de objectos com mais de 75 quilogramas, escrita directa sem contacto visível, à excepção da deslocação do lápis sobre toda a

superfície da mesa, escrita entre ardósias seladas, impressões de mãos e pés em farinha e argila de esculptores, *apports*, etc.

«Mas a sessão mais curiosa, realizada por Walter, foi aquela em que havia catorze experimentadores à volta da mesa, além de muitos outros assistentes fora do círculo.

«As portas e janelas estavam fechadas. Era noite de tempestade e chuva. Os homens tinham dependurado os sobretudos e os chapéus no vestibulo e as senhoras haviam pôsto os seus noutra sala, em cima de vários móveis.

«Foi-nos pedido que experimentássemos em silêncio, durante alguns minutos» A seguir, a mesa ditou esta mensagem :

— Olhai para baixo da mesa.

«Todos olharam e viram um chapéu aos pés de cada assistente. E o que tem graça é que, cada qual, tinha na sua frente o próprio chapéu.

«Desafio quem quer que seja a distribuir os chapéus desta maneira, exactamente a cada um o seu próprio chapéu. Quando se perguntou ao espírito como pôde ele fazer tão curiosa distribuição, respondeu que o fez, pelo conhecimento das auras. Nunca mais tornei a vêr semelhante fenómeno».

Grandes faculdades curadoras duma mulher francesa

O caso vem referido no *Greater World* de 30 de Setembro de 1939. *Madame* Ana Desbordes é conhecida em França como médium curadora e lê, sem jámais ter aprendido o abecedário. Um dia, em fins de 1914, ficou maravilhada de poder ligar as sílabas e formar palavras com facilidade. Nesse tempo estava ela tuberculosa e teve a curiosa visão dum tribunal em que foi absolvida, facto que se veio a dar dezassete anos depois.

Em 1916-17, caiu de cama e recusou tomar alimentos. Deu-se, então, novo facto extraordinário na sua vida: curou-se, sem tomar medicamentos, simplesmente pelo poder supranormal.

Madame Desbordes iniciou em 1927 a sua missão curadora. Seu cunhado estava doente com pneumonia dupla. O estado de côma durava, havia quatro dias. Ela entrou, então, em cena e salvou-o, pela prece e pela imposição das mãos.

No ano seguinte, curou uma sobrinha parturiente, que estava em estado de inconsciência e sofria de meningite cerebral. Quinze dias bastaram para se operar o milagre, o que deixou boquiaberto o médico que a tratava.

O marido de *Madame* Desbordes proibiu-lhe os trabalhos curadores. Um dia, porém, foi atacado de paralisia e consentiu que ela lhe fizesse imposições de mãos (passes magnéticos). Duas horas depois, as dores haviam desaparecido e o doente conseguiu andar. Desde então, não mais se opôs ao exercício das faculdades curadoras da esposa.

Em 1932, começou a romagem de doentes à casa de *Madame* Desbordes. Chega a tratar mais de cem por dia e a prever a data exacta das curas. Profetizou, também, o fim da guerra em 1918.

A Ordem dos Médicos de França moveu-lhe uma acção em princípios de 1933, por exercício ilegal da medicina. Compareceu no Tribunal e foi absolvida. O juiz, receando a classe médica, recusou o pedido da

acusada, segundo o qual ela se propunha curar qualquer doente à escôlha do tribunal. Em virtude, porém, de milhares de testemunhos em favor da ré, o juiz foi obrigado a absolvê-la.

Madame Desbordes continúa a trabalhar e a exercer as suas faculdades curadoras, a ponto de muitas pessoas lhe atribuírem poderes milagrosos e sobrenaturais, sendo estimada por todos os que a conhecem, devido à sua humildade e veneração pelos sofredores.

O Espiritismo e a Igreja Anglicana

Psychic News de 24 de Fevereiro traz uma notícia sensacional, com a promessa de a desenvolver, em números subseqüentes. Subordinado ao título «O Espiritismo é reconhecido pela Igreja» e ao sub-título «A Comissão secreta, nomeada pelo Cardial Primaz, reconheceu a sua veracidade, por nove votos contra três», Maurício Barbanell faz a história dos trabalhos da Comissão referida, com a autoridade que lhe dá o facto de haver lido o respectivo relatório.

Há cerca de três anos, o Arcebispo de Cantuária nomeou doze individualidades de reconhecida competência para estudar os fenómenos do Espiritismo, depois do Rev. Maurício Elliot e o Dr. Underhill (actualmente bispo de Bath e Wells) terem exposto ao arcebispo de York a necessidade dêsse estudo. O arcebispo estava disposto a aceitar a sugestão, embora mais tarde declarasse ser indesejável que houvesse alguma prova experimental de sobrevivência.

O presidente da Comissão, que era o Dr. Underhill, que possui belas faculdades psicométricas e é muito prático em sessões espíritas, declarou à imprensa que os investigadores eram «homens e mulheres altamente qualificados para analisar e ponderar os factos» e que «o seu único objectivo era a descoberta da verdade».

O caso é que a verdade foi atingida, mas não revelada ao público, que aguardava ansiosamente os trabalhos da Comissão, sobre os quais caiu... lousa de sepulcro. ¿E se o Espiritismo tivesse sido considerado mais uma patranha do século? ¿Que sucederia? É bem de vêr que se publicaria o relatório, com os mais significativos comentários... pois a igreja anglicana combate a nossa doutrina, sempre que tem ensejo para isso. Há coisa de dois anos, por exemplo, o cônego Anson, um dos membros da Comissão, realizou certa conferência na União Espirita de Londres e os noticiaristas nada disseram a respeito, a pedido do arcebispo. A conferência intitulava-se: «As directrizes do Espiritismo na Doutrina da Igreja».

Pois o *Psychic News* trata do assunto com grande calor e entusiasmo, chegando ao ponto de escrever:

— Desafiamos o Arcebispo de Cantuária, Primaz de toda a Inglaterra, a impugnar os factos que apresentamos. A isto, só poderá responder, com a publicação do relatório.

É claro que não devemos alimentar esperanças, quanto à publicação reclamada. Basta saber que a maioria da Comissão encara o Espiritismo com simpatia. Mais ainda: por haver «razões de estado» que se opõem a que o relatório abandone a cripta em que foi... encarcerado. Uma delas, baseia-se na pretensa heterogeneidade de opiniões reveladas, havendo, portanto, necessidade de investigações ulteriores...

Emfim, *Psychic News* promete não abandonar o assunto, que está assumindo grande curiosidade e in-

PERISPÍRITO

por Manuel Tavares

A LMA, perispírito (ou corpo fluídico) e corpo material, eis a tríplice constituição do homem. A alma, centro de todas as sensações e sede da inteligência, seria uma abstracção sem a existência do corpo fluídico — perispírito — que molda o corpo material e dirige todas as suas funções orgânicas, reconstituindo, dentro das suas possibilidades, qualquer órgão atacado de lesão interna ou externa.

O perispírito é tão real como o corpo físico. Nas experiências de exteriorização da sensibilidade, essa realidade torna-se evidente, porque ele não está constantemente adstrito ao corpo material. Irradia em vários sentidos e é demonstrado pela *aura* estudada por Reichenbach, Boirac, Baraduc e Rochas. Em determinados casos e condições, pode transportar-se a distância, dando-se-lhe então o nome de duplo-etéreo. É o caso do taumaturgo Santo António — para não citar outros casos — quando, em Pádua, por ocasião dum sermão, ter aparecido em Lisboa para defender seu pai, acusado injustamente, e indicado o verdadeiro criminoso.

Nas aparições de fantasmas, é o perispírito que se torna visível captando do éter, e dos corpos dos sensitivos (médiuns), as partículas (ou o ectoplasma), necessárias para se tornar visível. No momento da morte do corpo material, é ainda o perispírito que os sensitivos vêm desprender-se da matéria e flutuar, por mais ou menos tempo, sobre o leito mortuário.

As pessoas que têm a infelicidade de se lhes amputar um membro do corpo, sentem ainda durante algum tempo a sensação da existência do membro amputado, chegando algumas a sentir, por vezes, a dor que o membro doente lhes fazia sofrer, porque a perda duma parte do corpo físico não influe na integridade do corpo fluídico que continua existindo e transmitindo por algum tempo ainda, à alma, sensações que nêle ficaram impressas durante a vida e durante a doença ou o desastre.

Esse corpo fluídico — ou perispírito, porque envolve o espírito ou a alma — desempenha na nossa existência um papel primordial. Ele não só dirige, como já dissemos, todas as funções orgânicas — tais

como a respiração, a alimentação, a assimilação dos alimentos, a circulação do sangue e a eliminação dos produtos desnecessários ou nocivos à vida orgânica — como também nos garante, de parceria com a alma, da qual faz parte integrante, a nossa personalidade, não obstante de sete em sete anos, conforme já foi cientificamente provado, as moléculas do corpo material se renovarem e constituírem um novo corpo.

Esse corpo fluídico é o produto de milhares de experiências adquiridas em outras tantas existências, desde o infusório até ao homem, desde a adaptação ao ambiente, desde a luta pela vida nas camadas zoológicas em que prevalece a lei do mais forte, até à expressão máxima do chamado homem civilizado. É ele que, na inconsciência da criança, a faz respirar e procurar o seio materno para se alimentar e nos mantém a vida, enquanto dormimos, fazendo-nos respirar. Esse trabalho, depois de tantas lutas para o perispírito, tornou-se mecânico como tantos outros a que é chamado a presidir.

O perispírito é o traço de união entre o corpo e a alma; mas, quando os laços que o prendem à matéria se afrouxam, devido à doença ou à sensibilidade, contra as quais não pode combater senão até determinada altura, ele abandona então o corpo físico e sai dele — como uma espada da bainha — por ter findado para a alma o tempo necessário para determinado progresso, expiação ou missão. E, como na Natureza *nada se cria e nada se perde*, o corpo desce ao laboratório da Natureza, e a alma, com o seu envoltório fluídico, retoma a sua liberdade, indo, portanto, cada um deles para o meio que lhe é próprio. Se a matéria de que o corpo é constituído não deixa de existir e apenas, com a sua putrefacção — devida à ausência da alma — se transforma, ¿por que razão haveria de deixar de existir a alma? ¿Qual é mais importante e qual tem mais direito de existir: a alma ou o corpo?

Sendo a alma o repositório da inteligência, da memória, do afecto, da saúde, como de todas as virtudes e vícios, sendo ela que comanda o corpo e lhe é soberanamente superior, ¿não terá mais direito de existir, que o corpo físico?

Para a alma, a morte não é senão a passagem dum estado a outro, dum mundo físico a um mundo etéreo, no qual os fluídos são tão rarefeitos que os nossos órgãos visuais são, duma maneira geral, incapazes de os divisar, como não divisam o fluido eléctrico que com tanta facilidade manipulamos, nem a evaporação da água, nem os gases que fabricamos, e apenas lhes sentindo os efeitos, por vezes bem terríveis e fatais.

Para quem fica na terra, a morte é a ausência do ente querido; mas se nos convenceremos de que ele continua existindo e sentindo o mesmo afecto que quando vivo, esse sentimento de vácuo atenua-se, para dar lugar à esperança de um dia tornar-se a ver o ente querido que a Parca arrebatou; É essa esperança que os estudos psíquicos da actualidade se esforçam por fazer brilhar na alma da humanidade, encaminhando-a para melhores destinos.

terêse para todos. Quanto a nós, acompanharemos os relatos do semanário londrino, certos de cumprir um dever, a que esta revista não pode faltar: informar bem os leitores.

Realmente, nomear uma Comissão de sábios para estudar determinada questão e «engavetar» o relatório pela mesma apresentado, é coisa digna de séria... meditação.

Seja como fôr, nada há oculto que não venha a ser conhecido, como se diz nos Evangelhos. Pretender negar a verdade aos olhos do século, quando ela teima em emergir do caos, faz lembrar a madureza daquele bambino que queria extinguir o Sol, «com o apagador de lata duma igreja»...

«Estudos Psíquicos» e a Imprensa

Estudos Psíquicos teve óptimo acolhimento, não só em Portugal, como no estrangeiro. A crítica foi unânime em reconhecer a nossa revista como elemento de grande utilidade na propaganda espirita. Isto se vê das transcrições, que passamos a fazer, de alguns jornais e revistas que nos visitaram. Verifica-se, pois, não ser errado o caminho que escolhemos. Os novos rumos que apontámos são, em verdade, os únicos que os espiritas devem seguir, se quiserem auxiliar e prestigiar a Causa.

Seguem as transcrições :

Do *Ideal Cristão*, de Lisboa :

Conquanto não tenha chegado a esta redacção o primeiro número da nova revista *Estudos Psíquicos*, — talvez por desculpável esquecimento da sua Direcção, — não podemos deixar de assinalar o seu aparecimento, como mais um baluarte na ofensiva que vamos movendo ao materialismo reinante.

Órgão do antigo Centro Espiritualista Luz e Amor, que reaparece no campo de acção após alguns anos de inactividade, ele apresenta-se pleno de interessantes artigos científicos — verdadeiros estudos psíquicos — e dum magnífico aspecto gráfico.

Aparte as gralhas tidas como apanágio das primeiras publicações, observa-se um meticoloso cuidado, não só na distribuição das suas variadas secções, como na escolha dos assuntos nelas tratados.

As nossas saudações fraternais à nossa colega, à qual auguramos um futuro cheio de glória — E. R.

* * *

Do *Além*, do Porto :

Registamos com aprazimento e louvor a publicação da nova revista espirita *Estudos Psíquicos*, órgão oficial do Centro E. Luz e Amor, com sede na Rua 2 à Rua Pinto Ferreira, 8, 2.º, E., Lisboa.

É seu director o sr. tenente da Armada Isidoro Duarte Santos, figura de relêvo na imprensa espirita portuguesa, a quem foi confiada, há anos, a direcção dos órgãos da Federação Espirita Portuguesa — *Revista de Espiritismo* e *O Mensageiro Espirita* — de tradições gloriosas, infelizmente hoje ambos extintos, sem substituição que valha ou compense aquela dupla perda para a cultura espirita portuguesa. Bemvinda seja, pois, *Estudos Psíquicos*.

Estudos Psíquicos tem como secretário de redacção e redactor-editor os srs. Dr. José Joaquim Galta e Dr. Pedro C. Dias de Sousa, conceituados advogados em Lisboa, dois novos, tão competentes, como dedicados à causa espirita, já conhecidos e apreciados nas lides da imprensa espirita portuguesa, com quem devemos contar para a remodelação, depuração e prestigio do Espiritismo português.

Estudos Psíquicos apresenta-se admirável e proliçamente redigida, com secções variadas, interessantes e instrutivas, dentro duma orientação moderna e actualizada, tendo a colaborá-la a Velha-Guarda espirita portuguesa.

Sendo um facto incontroverso, de todos os dias, que o Espiritismo só acarreta dissabores e prejuízos aos seus elementos mais representativos, quando o sirvam com honestidade e dedicação desinteressada, aberta e lealmente, sem reboços de qualquer espécie, devido à incompreensão dos seus princípios básicos por parte dos seus adversários e ao desconhecimento da acção fecunda e dominadora que o Espiritismo há de exercer na evolução espiritual da humanidade no próximo ciclo de civilização, quer pelo seu carácter científico e social, quer pelo seu aspecto humano e cristão, apraz-nos registar com incondicional louvor e aplauso a forma vibrante e sincera, franca e corajosa, como *Estudos Psíquicos* vinca dignamente a sua profissão de fé espirita. Que linda lição moralizadora, fecunda em ensinamentos, *Estudos Psíquicos* veio dar a todos aqueles que vão desfrutando o Espiritismo na satisfação das suas vaidades e interesses, acobertando-se, nebulosa e encapotadamente, debaixo do pendão híbrido do «Espiritualismo»!

Bem haja *Estudos Psíquicos* pela sua profissão de fé espirita, sem embustes ou «ambages» que, obscurecendo o entendimento, conspurcam o sentimento de dignidade humana.

Estudos Psíquicos merece ser recebida de braços abertos por todos os espiritas sinceros e honestos.

A *Estudos Psíquicos* desejamos, desde já, tôdas as prosperidades e larga expansão para o prestigio e engrandecimento do Espiritismo português — J. C.

* * *

De *Luz e Caridade*, de Braga :

Recebemos o primeiro e segundo número desta interessante revista, órgão oficial do Centro Espiritua-

lista Luz e Amor, de Lisboa, e dirigida pelo distinto confrade sr. Isidoro Duarte Santos.

Estudos Psíquicos propõe-se defender e propagar as verdades neo-espiritualistas.

Gratos pela visita, com que nos honrou, saúdamos com cordialidade a nova colega com quem permutaremos, e fazemos votos pelas suas prosperidades.

* * *

De A Rosacruz, de Leiria :

Recebemos o 1.º e 2.º números desta interessante Revista, publicada em Lisboa, contendo importante colaboração de carácter psíquico. Felicitamos o seu digno Director e distintos colaboradores, desejando feliz êxito à nova colega. Agradecemos a gentileza da visita e gostosamente permutamos.

* * *

De Alvorada dum Nova Era, de S. Paulo :

Estudos Psíquicos é o título do novo paladino espirita que acaba de aparecer em Lisboa, como órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor.

Revista bem apresentada e com o corpo de redacção que apresenta logo de início, estamos certos ela vencerá em toda a linha, impondo o ideal sob cujo lábaro se coloca, o da propagação do lídimo espiritualismo cristão, baseado nos Evangelhos do Cristo.

E só quem conheça, como nós, o velho e heróico Portugal, sabe os esforços que êsses nossos confrades precisam fazer para espancar as densas trevas que por ali adejam, não permitindo que os de boa vontade se acerquem da mēsa do Senhor, ou sequer da escada de Jacó.

Porém, com a plêiade de confrades que integram *Estudos Psíquicos* esperamos que certas potências do mal arrefeçam em seus arreganhos, compenetrando-se de que os tempos são chegados e a lâmpada não pode ficar por mais tempo debaixo do alqueire.

Isidoro Duarte Santos e Dr. José Joaquim Gaita são nomes por demais conhecidos em Portugal, para que os adversários da Verdade não lhes abram alas no desbravar da iniquidade a vencer.

* * *

De O Pharol, de Niterói :

Honra a nossa mēsa de trabalho o 1.º número da bem feita e útil revista espirita, cujo título encima estas linhas e que acaba de surgir em Lisboa, sob a direcção do seu proprietário, o conhecido jornalista luso Isidoro

Duarte Santos, tendo como secretário o ilustre escritor Dr. José Joaquim Gaita.

Em *Estudos Psíquicos* pontificam as penas brilhantes dos vibrantes jornalistas da terra de Camões: Dr. António Lôbo Vilela, Dr. António J. Freire, Pedro Dias de Sousa e outros, além das dos seus esforçados directores.

Boas secções de estudo e farto noticiário, fazem da nóvel revista espirita uma das apreciadas publicações doutrinárias que nos vem de Portugal.

Gratos pela visita, retribuimos com prazer, almejando-lhe vida longa e próspera.

* * *

De Constância, de Buenos Aires :

Entrou na nossa redacção o primeiro número da revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, correspondente aos meses de Setembro-Outubro de 1939. Tem, como editor, o sr. Dias de Sousa e traz material abundante e interessante. Desejamos-lhe acerto e longa vida.

* * *

De Mundo Espirita, grande semanário do Rio de Janeiro :

«Sob a prestigiosa, segura e competente direcção de Isidoro Duarte Santos, uma das mais vibrantes expressões culturais da pátria portuguesa a serviço do bom Espiritismo, acaba de aparecer no cenário espirita *Estudos Psíquicos*, magnífica revista cultural, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa.

Bastava, tão somente, saber-se que a sua direcção está confiada a Isidoro Duarte Santos, o mesmo que manteve em nível elevado e sadio a *Revista de Espiritismo* da Federação Espirita Portuguesa, hoje desaparecida com o seu desligamento daquela sociedade e, ainda, o mesmo Isidoro, que fêz ressurgir brilhantemente *O Mensageiro Espirita*, para se ter desde logo a certeza de que a *Estudos Psíquicos* está reservado um futuro brilhante.

O seu 1.º número bem revela o cuidado, a selecção e a boa ordem, a feliz disposição das matérias, de forma a dar-lhe um aspecto agradável e atraente, que lhe soube imprimir o seu responsável.

Lançar-se uma Revista dessa natureza, na época que estamos atravessando, sem podermos prever o dia de amanhã, é arrôjo que merece amparo, é prova de confiança e fé na acção espiritual, é demonstração de fibra, de energia, de coragem, de compreensão, mórmente quando se acaba de sair de uma refrega, como

a que feriu aquêle nosso companheiro e irmão, mas que não basta para intimidá-lo, nem para amedrontá-lo, antes lhe avigorou o espirito, fortalecendo-lhe, ainda mais, a fé que o acompanha.

Por isso, é dever nosso, como espiritas que sômos e que precisamos de aprender, tornarmo-nos assíduos leitores de *Estudos Psíquicos*, que se encontra à venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira, à Avenida Passos, 28-30.

Agradecemos, desvanecidamente, estas imerecidas referências. Se as transcrevemos, é por necessidade vital de provar que estamos no bom caminho e que o movimento de simpatia que se desenvolve em nosso derredor é sintoma eloqüente de que existe em Portugal a verdadeira fé espirita que tão belas obras tem produzido.

Estudos Psíquicos continuará a circular, em Portugal e no estrangeiro, na certeza de que não desmerecerá da confiança que nela depositaram os confrades da Velha-Guarda, tão sinceros e dedicados.

Mundo Espirita levou a amabilidade a inserir, em números sucessivos, anúncios da nossa revista, informando que a mesma está à venda na Livraria da Federação E. Brasileira.

A apreciação publicada no *Ideal Cristão* é da autoria do sr. Capitão Estêvão Rodrigues e da sua exclusiva responsabilidade, embora este confrade exercesse, no momento, as funções de Secretário daquela revista.

A todos estes amigos enviamos fraternais saudações, com os nossos protestos de profundo reconhecimento.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Por absoluta falta de espaço, não pudemos referir-nos, no último número, às conferências realizadas pelo sr. Dr. Adriano Vieira Coelho e sr. Fernando da Cruz Ferreira, intituladas, respectivamente, «O Éter, alma universal e alma atômica» e «Amor, Deus, Evolução», do que, mais uma vez, pedimos desculpa.

Quer uma, quer outra, versaram assuntos de grande interesse e tiveram numerosa assistência.

O primeiro conferente foi apresentado pelo coronel sr. Faure da Rosa e o segundo, pelo nosso Director.

Na segunda conferência, distribuiu-se o folheto editado por Cruz Ferreira, intitulado: «Ensinamentos evangélicos em espírito e verdade», extraído de «O Evangelho segundo o Espiritismo», de Allan Kardec.

Também no dia 3 de Abril o Dr. Sebastião Elviro Martins, presidente da Mesa da Assembleia Geral, realizou uma conferência intitulada «O Problema da Morte» e que constituiu assinalado êxito. Presidiu o nosso Director, que teve ensejo de frisar a excelência do trabalho do conferente.

SUBSCRIÇÃO PRÓ-SEDE

Estudos Psíquicos insere hoje, com o merecido relêvo, o apêlo pró-SEDE DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR, cuja população associativa aumenta de dia para dia, num ritmo de maravilhosa regularidade.

A subscrição iniciada no último número, sob tão bons auspícios, vieram juntar-se os donativos de mais alguns esforçados obreiros, desejosos também de contribuir para a consolidação definitiva do Centro Espiritualista Luz e Amor e de *Estudos Psíquicos*, seu órgão oficial.

É preciso, porém, que **todos** concorram para a obra comum, consoante as suas posses.

Sem uma sede própria — que se não consegue apenas com o entusiasmo e a fé de que nos achamos possuídos — não pode a Direcção do Centro organizar eficientemente os seus serviços de propaganda e dar realização ao programa dos trabalhos práticos.

Ajudar o Centro Espiritualista Luz e Amor, é auxiliar a verdadeira propaganda da Causa Sagrada do Espiritismo e garantir a existência de *Estudos Psíquicos*, trincheira onde se bate, desassombradamente, a Velha-Guarda dos espiritas portugueses.

Que ninguém falte, pois, por muito modesto que seja o seu auxílio!

Transporte do número anterior...	1.250\$00
Capitão Estêvão Rodrigues.....	120\$00
Dr. Pedro Dias de Sousa	150\$00
Isidoro Duarte Santos	60\$00
Um casal feliz	20\$00
D. Adelina Carvalhal	50\$00
Total.....	1.650\$00

A expansão de «Estudos Psíquicos»

Verificamos, com o maior prazer, que a expansão da nossa revista excedeu toda a expectativa. De São Paulo e Buenos Aires, recebemos, há pouco, algumas cartas, desvanecedoras e altamente características do conceito em que ali é tida *Estudos Psíquicos*. Isto nos incita a trabalhar e a velar pelo seu bom nome, na esperança de que o apoio que lhe dispensam aumente constantemente, de modo que possa viver com perfeito desfôgo. Para isso, bastaria que cada assinante conseguisse outro assinante. Neste sentido, apelamos para os prezados leitores.

Por esse mundo...

Henri Blondel publicou na *Revue Spirite* um artigo intitulado: «¿O Espiritismo conduz à loucura?», onde prova, com números edificantes, que o Espiritismo é científico e que, em vez de enlouquecer, cura muitos daqueles, a quem a medicina chama, imprópriamente, alienados mentais.

— Alguns jornais estrangeiros, entre eles, *La Flamdre Libérale*, afirmam que Terêsa Neumann não morreu, mas foi encerrada num campo de concentração, por haver predito a queda de Hitler.

— Segundo o jornal *O Clarim*, de Matão, a Federação Espirita de São Paulo lançou um apelo para a criação duma Universidade Espirita do Brasil.

— Parece ser um facto a aproximação entre espiritas e pastores anglicanos. Assim se verifica pelo sermão que o Rev. Leslie D. Weatherhead pronunciou na City de Londres, intitulado: «Dez minutos após a morte».

— A Comunhão Esotérica do Pensamento, de S. Paulo, combate a experimentação espirita nos «Tattwas».

— ¿Por que será que Hitler combate o Espiritismo? No seu livro célebre pode ler-se esta frase: «Não que-remos homens que espreitem o Além».

— O Espiritismo australiano caminha triunfalmente, no livro, na rádio, na conferência, no jornal. Em Sydney, há 116 centros espiritas. A rádio-espirita tem mais de cem peças teatrais recebidas pelo médium Morrisson. O público rádio-ouvinte acolheu com entusiasmo as primeiras emissões.

— A revista holandesa *Spiritische Bladen* publicou um número dedicado ao Natal e cuja tiragem atingiu 4.000 exemplares.

— Na Inglaterra, apareceram, ultimamente, duas obras reencarnacionistas: «*Through Clouds of Doubt*» (*Através das nuvens da dúvida*), do Major Webstern antigo secretário particular do general French, e «*The Dark Star*» (*A estrela tenebrosa*), do romancista March Cost.

— O médico espanhol Humberto Tórres, que se encontra homisiado em França, organizou um Curso de Psicologia Supranormal, na cidade de Montpellier, o qual teve êxito absoluto. A primeira parte deste Curso fecha com esta concepção idealista:

«Estamos longe da velha alma imaterial da filosofia escolástica, entidade abstracta, filha do raciocínio e da introspecção. A alma, demonstrada e provada experimentalmente, pelos seus efeitos, impõe-se, hoje, a todos os sábios que, livres de preconceitos, tenham experimentado bastante. A noção de alma substancial e quasi objectivável terá enorme alcance, pois será o fundamento dum novo sentido da vida, cujos horizontes se encontram, infinitamente, ampliados».

— O nosso prezado consócio sr. Agostinho Pereira de Sousa foi eleito, por unanimidade, presidente da Associação Espirita «Obreiros do Bem», cujo principal objectivo é a construção um Hospital Espirita no Rio de Janeiro. As nossas felicitações.

— O Delegado Auxiliar da Polícia Fluminense isentou de sêlo os alvarás destinados ao funcionamento de centros espiritas.

— Acaba de ser lançada a primeira pedra para a construção do *Abrigo de Jesus*, de Belo-Horizonte, Estado de Minas, o qual ocupará a área de 10.000 metros quadrados.

— Na Escócia, os casamentos espiritas foram legalizados pelas autoridades. Sempre gostávamos de saber em que consiste o ritual destes casamentos...

— *La Revue Spirite Belge* apela para os seus leitores no sentido de se sacrificarem pelo bem geral, afirmando que só o Espiritismo pode salvar a humanidade da tremenda crise que se aproxima.

— Na Universidade de Londres foi apresentada uma tese acerca de psicomетria. Seguiram-se experiências, em que tomaram parte 150 estudantes.

— A União Espirita Belga prepara remessas de livros espiritas destinados a pequenas bibliotecas, organizadas pelos soldados deste país.

— A Federação Espirita Brasileira nomeou o nosso amigo e colaborador Ismael Gomes Braga director da propaganda do Esperanto. Congratulamo-nos com o facto, na certeza de que o grande paladino da língua auxiliar internacional saberá honrar o idioma propagado e a Federação que tão justamente o distinguiu.

— A Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, inaugurada em 1 de Junho de 1939, prossegue na sua faina ininterrupta. Parabens aos seus directores e amigos.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul continua a realizar palestras espiritas na Casa de Correção de Porto Alegre, com grande frequência de reclusos.

— No Estado de São Paulo, está a erguer-se a bela cidade Atlântida, cujo traçado insere largos arruamentos com jardins centrais. Entre as principais avenidas, encontra-se a Avenida Allan Kardec, no coração da nova cidade, ao lado das ruas de S. João e Voluntários da Pátria.

— Em quasi tôdas as repúblicas sul-americanas se estão abrindo subscrições destinadas a minorar a sorte dos espiritas espanhóis que foram obrigados a expatriar-se, deixando em Espanha os seus lares e tudo o que possuíam.

— Segundo telegrama da Cidade do Vaticano, a Suprema Congregação do Santo Ofício inscreveu no «Index» a obra mediúnica «A Grande Síntese», escrita pelo professor italiano Pietro Ubaldi. Esta obra monumental é a mais importante de quantas, até hoje, foram veiculadas através da mediunidade e foi editada pela Livraria da Federação Espirita Brasileira. É composta por cem substanciosos capítulos em que a Ciência, a Filosofia e a Fé se entrelaçam admiravelmente no mesmo conceito.

— O livro de Artur Findlay «No Limiar do Eterno» foi traduzido em finlandês. Está, igualmente, traduzido em Braille, para cegos.

— A *Spiritualist National Union*, de Londres, presentemente uma das maiores agremiações espíritas inglesas, tem 20.000 libras de fundo de reserva, ou seja a bagatela de 2.160 contos, ao câmbio do dia.

— O Dr. Harry Emmerson Fosdick, que é um dos maiores oradores protestantes dos Estados Unidos, fez a seguinte afirmação: «Não podemos provar a sobrevivência, sem o auxílio do Espiritismo».

— *La Revue Spirite* informa que há mais de 200 eclesiásticos na Inglaterra, ligados, abertamente, ao Espiritismo.

— A dar crédito à afirmação da *Psychic News*, o marechal Pilsudski era espírita.

— O governo brasileiro acaba de conceder os seguintes donativos: ao Centro Espirita Maranhense, 5 contos; à Tenda Espirita de Caridade Dr. Guterres, 3 contos; ao Centro Espirita William Crookes, de Nova Iguaçu, 3 contos; à Federação Espirita do Estado do Rio, 10 contos. Estes donativos são referentes ao ano económico actual.

— Acaba de ser inaugurada a Sociedade Rádio Piratininga, PRH-3, estação emissora situada na rua Pai-Pirá, no bairro Brooklin Paulista, de São Paulo. Esta estação é exclusivamente espírita e demonstra bem o interesse que a Doutrina desperta no Brasil.

— *Mundo Espirita* continua a inserir anúncios da revista *Estudos Psíquicos*, amabilidade espontânea que muito agradecemos ao Dr. Henrique Andrade.

— Uma das primeiras associações espíritas fundadas no Brasil foi a Associação Espirita Brasileira, cujo relatório alusivo a 1874 figurou na Galeria Histórica da Imprensa Espirita, que fazia parte do Congresso de Jornalistas Espíritas, realizado há pouco no Rio de Janeiro.

— *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, entrou em 1 de Janeiro último no 58.º ano de existência, absolutamente melhorado no seu aspecto gráfico. Os anos remoçaram este velho paladino, de que é secretário o nosso redactor-correspondente e consócio Dr. Carlos Imbassahy. As nossas saudações ao *Reformador* e à Federação amiga, aos quais desejamos as maiores felicidades.

— O *Boletim do Sindicato Médico Brasileiro*, a páginas 2.797 do seu número de Junho de 1939, afirma que a Sociedade de Medicina e Cirurgia arrisca-se a afrontar o ridículo, se continuar a combater o Espiritismo, que é hoje uma actividade científica, perfeitamente legal e respeitável. O baixo Espiritismo é que deve ser vigiado pela polícia.

— O Dr. Francisco Klörs Werneck obteve os direitos de tradução em português das obras do Dr. Henri Regnault «Os vivos e os mortos», «A Realidade Espirita», «Só o Espiritismo pode renovar o mundo», «Não há morte», «Léon Denis e a experiência espírita» e «Tu Reviverás». Esperamos poder facultar estas obras aos nossos leitores, logo que estejam traduzidas.

— A «Editora Espirita Limitada», do Rio de Janeiro, que suspendera a sua actividade por motivos financeiros, vai reaparecer em breve, sob nova orientação.

— *Jornal Espirita*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, comemorou em Janeiro o seu 22.º aniversário com uma edição de dez páginas profusamente ilustradas e repletas de boa colaboração. É um dos mais belos órgãos espíritas brasileiros e talvez o de maior expansão nos Estados do Sul do Brasil. Felicitações

e grande abraço ao Dr. Paulo Hecker, estrénuo lutador a quem a Causa deve assinalados triunfos.

— Em 22 de Janeiro desencarnou em Matão, Brasil, a esposa do fundador e director da *Revista Internacional do Espiritismo*, sr.^a D. Maria Elvira da Silva Schutel, espírita fervorosa que muito auxiliou Cairbar nas suas investigações psíquicas.

— A *Revista Espirita do Brasil* publica, no seu número de Dezembro de 1939, esplêndido relato ilustrado do Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas, realizado na Associação Brasileira da Imprensa.

— O nosso consócio e redactor-correspondente no Rio de Janeiro, Dr. Carlos Imbassahy, ofereceu, na sua pitoresca vivenda de Icarahy, próximo da capital brasileira, um almôço de despedida aos participantes do Congresso de Jornalistas Espíritas Brasileiros, tendo-se trocado amistosas palavras que muito satisfizeram os assistentes.

— A revista *Constância*, de Buenos Aires, abriu uma subscrição a favor dos confrades espanhóis que estão exilados em França.

— A mesma revista anuncia para breve o livro do grande propagandista espírita argentino Carlos Luiz Chiesa, intitulado «Lei Natural».

I. D. S.

A VERDADE

O conhecimento é uma representação confusa da realidade no espelho da consciência. Só no Absoluto o objecto e a imagem coincidem e o conhecimento se identifica com a realidade. O real é apenas o limite para que tende indefinidamente a Verdade, ao deslocar-se através do Tempo. O conceito da Verdade não deve perder nunca o carácter relativista. A Verdade absoluta, a realidade plena seria a integração da inteligência humana na inteligência divina: a intuição de Deus. Somos insaciáveis de Verdade e contudo ela existe em toda a parte; ela vive sob todas as formas, sem que nenhuma delas a consiga prender. Transfigura-se, conforme o tempo e o lugar. Depende essencialmente da psicologia dos indivíduos e varia com os seus horizontes intelectuais. É o fogo que abrasa o pensamento humano: para dar luz e calor precisa deixar cinza. Tem fascinações de vertigem e filtros dominadores. Consome a vida e resgata-a. Quem pensa possui-la e quer conservá-la numa forma rígida, invariável, não soube compreender o seu espírito, nunca desvendou o seu segredo íntimo. O erro é a sua caricatura trágica; ou melhor: é o cadáver de uma Verdade, porque a Verdade é espírito e não forma. Por isso, ela se revela sob formas tão variadas.

Dr. Lôbo Vilela

A hipótese da reencarnação parece-me muito aceitável.

Dr. J. Maxwell

BIBLIOGRAFIA

FANTASMAS & C.^a, por Marius.

MARIUS é o pseudónimo adoptado por um antigo colaborador da extinta «Revista de Espiritismo». Com este nome de empréstimo procura o autor, julgo eu, encobrir a sua individualidade de escritor que marcara posição entre os demais escritores néo-espiritualistas. Realmente, consegue-o: «este ensaio de prosa fantástica» — como ele próprio considera as 31 páginas do opúsculo — mostra que o *fantasista* em nada se assemelha ao *escritor*.

Servindo-se dum estilo faceto e, por vezes, ironista, para fustigar actos egoístas, põe na boca dos «seus» fantasmas algumas das verdades néo-espiritualistas.

A edição é do autor.

DEMAIN IL FERA JOUR..., par le Docteur Lucien-Graux, 97 pág. 1940.

MAIS uma vez se verifica que as Musas acamaram bem com os médicos. O autor serviu no 93.º Regimento de Infantaria durante a Grande Guerra. É a memória dos seus camaradas mortos, deste Regimento, e ao General Gamelin que o autor oferece o livro.

La Cité sans enfants, a páginas 48, sobre a desolação actual de Paris sem crianças, contrasta com a alegria exuberante da poesia *Retour de la Paix* (1919), a páginas 4.

De «*La Cité sans enfants*»:

Paris, tu n'est plus toi...; les enfants sont partis.

On nous a privés de leurs rires.

Où sont ils? Sous quels ciels, sous quels toits, les petits?...

La guerre n'est pour eux qu'un noir mystère ençor.

.....
Ils sont partis... Où donc? Là-bas, loin du danger,

Et quelque part, loin de la haine.

Assim é hoje, assim foi em 1914 e assim será amanhã... até que os homens, desvendando todo o negro mistério das guerras, se auxiliem mutuamente, cristãmente, em vez de se odiarem e de se matarem uns aos outros.

O Dr. Lucien-Graux, além de poeta, é romancista e autor de vários estudos económicos de diversos países.

Na lista, já numerosa, dos seus livros, figuram quatro romances néo-espiritualistas: *Reincarné!* — *Hauté!* — *Initié!* e *Saturnin le Saturnien*.

Acêrca de «*Le Portugal économique*», elaborou e publicou um relatório dirigido ao Ministro do Comércio e Indústria do seu país.

Foi, certamente, durante a sua permanência em Portugal, para dar conta da sua missão de estudo, que o Dr. Lucien-Graux visitou o mosteiro da Batalha e acêrca do qual escreveu o poemeto «*Une nuit près des tombeaux de Batalha*», de páginas 71 a 85:

setenta e um quartetos, dos quais transcrevemos os quatro primeiros:

Il est un lieu du monde où deux heros reposent,
De tout ce qu'ils ont fait devisant dans la nuit,
Et près desquels l'esprit voit la gerbe des roses
— Roses que rien ne fane et que rien ne détruit! —

Déposées à genoux en eternal hommage,
Contre ces fiers tombeaux, par le culte pieux
D'un peuple qui reçut, transmises d'âge en âge,
Les vertus qu'à son sang léguèrent ses aïeux.

Au pays lusitan, sur la Lena Charmante,
C'est ton Mosteiro, célèbre Batalha.
Où chaque pierre implore et chaque fleuron chante,
Vers Santa Maria de la Victoria.

Batalha, la Bataille et la gloire en son temple,
Depuis que sur les corps de ses preux inconnus
Le Portugal s'incline et médite l'exemple
Qu'on pourrait suivre un jour, qui sait? les temps
venus.

O Dr. Lucien-Graux é um dos espíritas mais operosos. Muito há a esperar da continuidade da sua acção inteligente e dedicada.

A Causa espírita bem precisa de obreiros do fino quilate do Dr. Lucien-Graux.

A edição é do autor.

F. R.

HIPÓTESES METAPSÍQUICAS, pelo Dr. António Lôbo Vilela. Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas. 1940. 135 pág.

Investigações Psíquicas em meter ombros à sua pirita e bem andou a Sociedade Portuense de Vilela escreveu uma obra de alto interesse nosso douto colaborador Dr. António Lôbo edição, não obstante a crise do papel, que dificulta, cada vez mais, a procura do livro.

«Hipóteses Metapsíquicas», como se depreende do seu título, é a análise comparada de quasi todos os métodos usados pelos investigadores dos fenómenos supra-normais. Mas esta análise, feita com mão de mestre, demonstra invulgar equilíbrio e espírito crítico que resiste a todos os embates, quer de materialistas, quer de agnósticos.

Depois da magnífica «Introdução», que vai desde o mesmerismo à metapsíquica, passando por Deleuze, Velpeau e Charcot, expõe nove hipóteses, a saber: *Hipótese da fraude, dos movimentos musculares, telérgica, telepática, teleplástica, da ruminação, criptotésica, da prosopopese* e, finalmente, *a espírita*, terminando o volume com um vocabulário de termos técnicos usados em Espiritismo e metapsíquica.

Pelo conteúdo especial do livro e pela categoria do seu autor, aconselhamos todos os leitores a requisitar «Hipóteses Metapsíquicas» à nossa redacção ou ao Centro Espiritualista Luz e Amor, que farão a remessa à cobrança, para qualquer parte do Continente e Ilhas Adjacentes.

NOTICIÁRIO

Jornais e revistas

Continuam a afluir à nossa redacção jornais e revistas, portugueses e estrangeiros, todos de proveitosa leitura e demonstrativos do interesse que o Espiritismo desperta no mundo.

Chegaram mais os seguintes órgãos:

La Revue Spirite, decano das revistas espiritas, fundada em 1858 por Allan Kardec e actualmente dirigida por Huber Forestier; *Jornal Espirita*, esplêndido quinzenário de Porto Alegre, dirigido pelo nosso velho amigo Dr. Paulo Hecker; *La Revue Spirite Belge*, de Liège, dirigida por J. Lhomme; *Alvorada de Uma Nova Era*, de S. Paulo, revista quinzenal dirigida por António J. Trindade; *Alifan e Boletim de la Agrupación Estudiosa «Camilo Flammarion»*, revistas de orientação doutrinária, de Buenos Aires; *A Reincarnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, *O Pharol*, de Niterói, quinzenário dirigido por Cleveland de Sousa Lima, e *Região de Leiria*, semanário noticioso, literário e recreativo, que insere alguns artigos de propaganda espirita.

A todos estes paladinos, os nossos afectuosos cumprimentos de boas-vindas.

Excursão a Cabo Ruivo

A notícia da 3.^a Reunião de Confraternização que o Centro Espiritualista Luz e Amor promove no dia 2 de Junho (Domingo) com um passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, despertou o maior interesse e simpatia, por se reatar, assim, mais uma das velhas tradições do Centro.

A inscrição continúa aberta até ao dia 15 de Maio, devendo os consócios que desejam tomar parte na excursão fazer, desde já, as suas inscrições, pois torna-se necessário saber, até àquela data, se o número de excursionistas permitirá mandar reservar uma carruagem.

Só se aceitam pedidos que venham acompanhados de 5\$00 por pessoa, quantia que compreende a inscrição e o preço dos bilhetes de ida e volta, em caminho de ferro. Devem, portanto, os consócios que já nos enviaram a primeira daquelas verbas, remeter-nos os restantes 2\$50.

Em tempo competente serão enviados a todos os inscritos o distintivo de excursionista, para mais fácil e rápida identificação, assim como instruções sobre hora e local de concentração, horário de comboios e programa a executar.

Diplomas de Sócio

Está iniciada a distribuição de diplomas aos sócios residentes em Lisboa. Para os da província, oportunamente faremos a remessa pelo correio, e o custo dos diplomas (2\$00) será cobrado na mesma ocasião em que o forem as cotizações.

Transcrições

O grande semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, transcreveu o artigo «Perseverança», de António Xavier, publicado no n.º 2 de *Estudos Psíquicos*. Também *O Trabalho*, de Vizeu, transcreveu, do mesmo número, «Um caso inesperado de fotografia espirita» e «A obsessão e a sua cura», com palavras amáveis para o nosso Director. Finalmente, *Região de Leiria*, transcreveu, ainda do mesmo número, «O espírito da rainha Astrid materializado em Copenhague».

Gratos pela deferência.

Solidariedade

De um dador de sangue	50\$00
Joaquim do Nascimento Sardo	2\$50
Total	52\$50

Caixa de Propaganda

Transporte	91\$00
De um dador de sangue	50\$00
Total	141\$00

Programa dos trabalhos do Centro E. Luz

**e Amor a realizar em Maio e Junho,
às 15,30, na Rua do Salitre, 149, 1.º andar**

Dia 19 de Maio — Inauguração da nova sede e conferência de Manuel Tavares, intitulada «Médiuns e Fraudes».

Dia 2 de Junho — Passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo.

Dia 23 de Junho — Conferência realizada por Artur Levy Gomes, intitulada «Karma».

Bilhetes de Identidade

A-fim-de lhes poderem ser fornecidos os bilhetes de identidade, cuja distribuição se iniciará em Maio, rogamos a todos os nossos consócios o obséquio de nos enviarem duas fotografias de formato adequado.

O custo do bilhete de identidade é de Esc. 1\$00, e a sua apresentação tornar-se-á obrigatória em todas as reuniões do Centro, a partir de Julho do corrente ano.

Tal como sucedeu com o diploma, presidirá à execução do bilhete de identidade, um equilibrado gosto artístico a que se alia uma exacta noção da sua finalidade.